

BACIA CULTURAL SOCIOBIODIVERSA DA

# CHAPADA DO ARARIPE

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

## UNITWIN NETWORK WORKSHOP IN BRAZIL 2025

### CULTURAL SOCIOBIODIVERSE BASIN OF THE CHAPADA DO ARARIPE: SUSTAINABLE TOURISM, HERITAGE VALORIZATION AND REGIONAL DEVELOPMENT



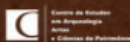
REALIZAÇÃO:



ORGANIZAÇÃO:



PARCEIROS:



---

# Rede UNESCO UniTwin

## Cultura, Turismo e Desenvolvimento

---

# Relatório do Workshop

### **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe:**

*Turismo Sustentável, valorização do patrimônio e desenvolvimento regional*

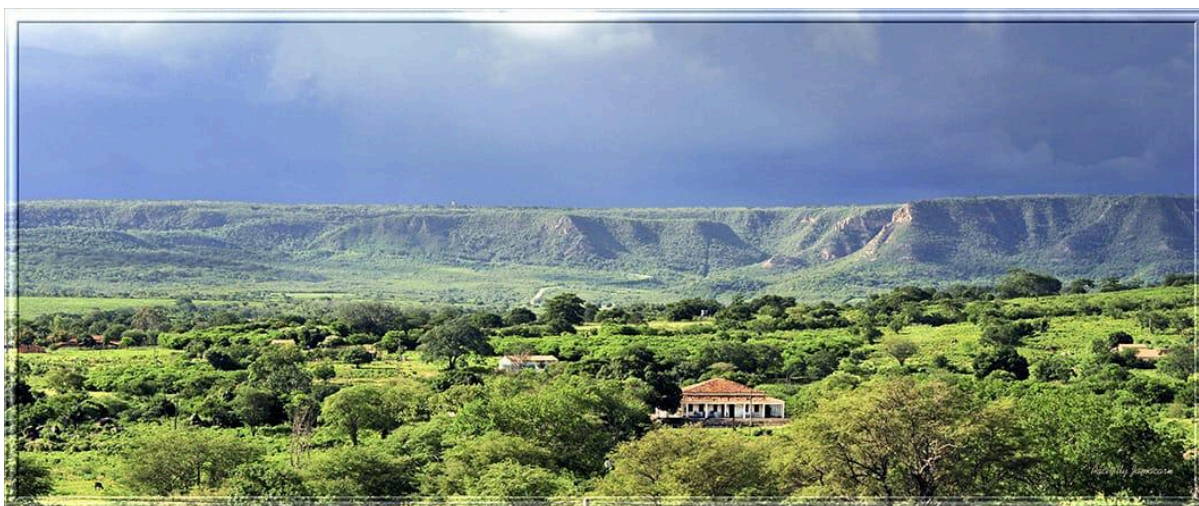


Foto: Pachelly Jamaru

1º a 7 de junho de 2025

Nova Olinda (Ceará), Brasil

Última atualização: 12 de junho de 2026

## AGRADECIMENTOS

---

### **Fecomércio Ceará**

Luiz Gastão Bittencourt da Silva

### **SESC Ceará**

Henrique Jorge Javi de Sousa

### **Fundação Casa Grande**

Alemberg Quindins

Dayane Freitas de Oliveira

Heloisa Bitu

João Paulo Maropo

Meninada da Fundação Casa Grande

Merivan e outras mães que ajudaram a alimentar o grupo

Neycikele Sotero

### **Agência de Turismo Comunitário**

Junior Santos

Suelânea Sousa

### **Museus orgânicos**

Museu Orgânico Ciclo do Couro, especialmente Sr. Espedito Seleiro

Museu Orgânico Dona Dinha, especialmente D. Dinha

Museu Orgânico Mão na Massa, especialmente Corrinha Mão na Massa

LAVIDA Museu da Agricultura Familiar da Chapada do Araripe, especialmente Laís e Lázaro

### **Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens**

Prof. Dr. Allysson Pontes Pinheiro

Guias de apoio à recepção aos visitantes

### **Hospedagens domiciliares**

Hospedagem Domiciliar de Dona Toinha Maropo

Hospedagem Domiciliar de Dona Irenice

Hospedagem Domiciliar de Ligia

Hospedagem Domiciliar de Neidinha

Hospedagem Domiciliar de Dona Fátima

Hospedagem Domiciliar de Neuda

Hospedagem Domiciliar de Raquel

Hospedagem Domiciliar de Elizangela

### **Mirante do Caldas e Instituto Dragão do Mar**

Charmene Rocha

Raquel Gadelha

Equipe de operações do Mirante do Caldas

### **Universidade Federal do Ceará**

Profa. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante e os estudantes Arthur Hugo, Bruno Rocha, Icaro Santiago, Lara Dafny, Lara Ribeiro, Letícia Brandão e Paula Edmara.

## INTRODUÇÃO

---

Este relatório é resultado do workshop “**Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe: Turismo sustentável, valorização do patrimônio e desenvolvimento regional**”, planejada e realizada no âmbito da Rede UniTwin Cultura, Turismo e Desenvolvimento da Unesco, em parceria com a Fundação Casa Grande e o SESC Ceará, além da EACH-USP – membro da Rede – como anfitriã acadêmica.

A preparação do workshop começou em 2022, com representantes da EACH-USP (Thiago Allis e Sidnei Raimundo) realizando consultas iniciais tanto junto à Rede, quanto a potenciais parceiros locais e nacionais. A Fundação Casa Grande e o Sistema FECOMÉRCIO Ceará, por meio da SESC Ceará, aceitaram ser parceiros e patrocinadores locais. Essas entidades têm, de fato, um histórico de envolvimento com iniciativas de desenvolvimento comunitário na região e são atores estratégicos na construção da candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio Mundial da UNESCO.

Após a formalização da decisão de sediar o evento no Brasil, durante a reunião anual da Rede na Colômbia, em dezembro de 2023, seguiu-se um processo de planejamento detalhado, abrangendo tanto as abordagens conceituais quanto os aspectos logísticos.

Um aspecto relevante desta proposta é que a Chapada do Araripe ainda não foi inscrita como Patrimônio Mundial da UNESCO (com exceção do Geoparque do Araripe, reconhecido em 2006). No entanto, iniciativas locais e nacionais têm sido desenvolvidas para propor essa candidatura, tendo começado em 2019 com o primeiro seminário realizado na Fundação Casa Grande, com a participação de autoridades nacionais relevantes das áreas da cultura, patrimônio e meio ambiente.

Em fevereiro de 2024, a **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe** foi incluída na lista indicativa da UNESCO, na categoria "mista". Nesse contexto, o workshop da Rede surgiu como uma oportunidade de colaboração com organizações locais, subsidiando conteúdo relevante para a elaboração do dossiê de candidatura, com foco especial na **agenda turística**.

Antes do workshop, a equipe EACH, em cooperação com a Fundação Casa Grande, elaborou um livreto informativo abrangente, contendo detalhes da proposta (incluindo seus objetivos e questões de referência), o contexto histórico da região, aspectos logísticos (especialmente acesso e acomodação) e um programa para o workshop e o seminário (ver Apêndice 3). Além disso, duas reuniões preparatórias foram realizadas online em janeiro e abril de 2025, nas quais os membros da Rede foram orientados a se conectar com as principais partes interessadas (Fundação Casa Grande, IPHAN e outros parceiros), bem como a permitir que os atores locais iniciassem um engajamento pessoal com os membros da Rede.

Estas foram as questões norteadoras do workshop:

1. Como **envolver e mobilizar** atores de territórios, comunidades e instituições no planejamento e gestão do turismo na **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**?
2. Que **práticas turísticas** podem promover a preservação do patrimônio natural e cultural (material e imaterial) da **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe** e contribuir para a sua conservação? De que forma?
3. Que **riscos** o turismo gera para as dinâmicas territoriais, sociais, culturais e comunitárias e para os valores a serem preservados e salvaguardados na **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**?
4. Como fortalecer a **cadeia produtiva da rede de turismo de base comunitária** já ativada no território da **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**, garantindo o envolvimento da comunidade e os princípios do turismo sustentável?
5. Que **oportunidades econômicas e negócios associados ao turismo** podem ser desenvolvidos ou aprimorados, considerando os desafios em escala regional da **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**?
6. Quais **parâmetros e indicadores** devem ser empregados ou aprimorados para monitorar a atividade turística nos destinos da **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**?

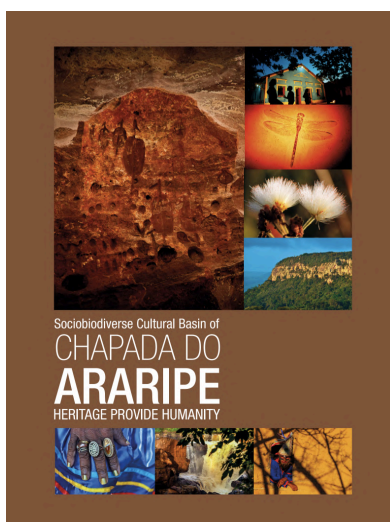
Com base nessas questões e na experiência dos membros da Rede, esperava-se que os participantes do Workshop atentassem a estes objetivos:

#### **Que papéis a Rede pode desempenhar no workshop de 2025 no Brasil?**

- Apoiar a articulação do valor universal excepcional do patrimônio com propostas para o desenvolvimento do turismo sustentável.
- Compartilhar práticas de gestão participativa do turismo em associação com o Patrimônio Mundial (PM), bem como sugerir mecanismos de gestão do turismo na Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe.
- Avaliar e debater os riscos do desenvolvimento do turismo, bem como propor medidas de mitigação.
- Sugerir estratégias para a formulação de um plano de gestão do turismo para o dossiê da Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe enquanto PM.

Foi enviado um convite aberto a todos os parceiros da Rede, limitado a 30 participantes entre os seus membros regulares, cujas despesas locais seriam cobertas pelos parceiros locais. As passagens aéreas internacionais e as conexões domésticas para o Aeroporto de Juazeiro do Norte, ponto de encontro do workshop, deveriam ser pagas pelos próprios participantes.

Visando fornecer aos participantes informações relevantes, materiais e fontes de informação sobre a Chapada do Araripe foram compartilhados previamente, com ênfase especial no estudo realizado pela Universidade Regional do Cariri (URCA) em 2020 e publicado em 2024. O fato deste “Documento” ter sido traduzido para o inglês foi essencial para melhor incorporar conteúdo técnico e específico a ser considerado em uma candidatura, especialmente no que diz respeito às evidências iniciais para justificar os critérios escolhidos para uma futura nomeação – a saber: iii, vi e viii, que constam da Lista Indicativa registrada na UNESCO.



As atividades programadas ocorreram entre **1º e 7 de junho de 2025** e foram divididas em duas partes: o workshop propriamente dito, com uma agenda específica para membros da Rede, líderes de comunidades locais e representantes de organizações regionais atuantes nas áreas de cultura, patrimônio e educação, durante o qual foram visitados locais importantes que demonstram a diversidade do patrimônio presente na futura candidatura; e a participação do grupo na programação do VI Seminário Dá Humanidade. Neste seminário, organizado pela Fundação Casa Grande, alguns membros da Rede também fizeram apresentações sobre suas pesquisas e experiências de trabalho, interagindo com o público do evento (ver Apêndice 1 para o Programa e Apêndice 2 para a lista de participantes).

\* \* \*

Este relatório está dividido em três partes. A **Parte A** apresenta conteúdo geral sobre o processo de candidatura a Patrimônio Mundial da UNESCO, como indicadores de Valores

Universais Excepcionais (VUE), a importância da conexão entre patrimônio natural e cultural, questões relativas à definição do perímetro de salvaguarda do futuro sítio, desafios de governança do sítio patrimônio da UNESCO, bem como desafios planetários (como os associados às mudanças climáticas). A **Parte B** abrange a análise e as recomendações dos participantes sobre uma agenda turística no âmbito da potencial candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio Mundial. As seções trazem reflexões a partir da interpretação dos membros da rede acerca das características sociais e naturais do território visitado, bem como algumas propostas e questões que emergiram. Assim, isso pode subsidiar o dossiê a ser preparado sob os auspícios das autoridades brasileiras e submetido à UNESCO.

Por fim, na **Parte C**, foram realizadas considerações e breves análises sobre três grandes iniciativas no contexto da região: o programa “Tesouros Vivos”, institucionalizado pelo Governo do Estado do Ceará; o programa Museus Orgânicos, desenvolvido em conjunto pela Fundação Casa Grande e SESC Ceará/Fecomércio CE; e o programa de hospedagens domiciliares, no âmbito do programa de turismo de base comunitária promovido pela Fundação Casa Grande. Para cada uma delas, com base em contatos in loco durante o workshop, foram feitas análises de pontos fortes e fracos, juntamente com recomendações gerais para seu aprimoramento – especialmente com a perspectiva de aumento do fluxo turístico em vista da eventual indicação da Chapada do Araripe a Patrimônio Mundial.

Esperamos que este relatório contribua, em certa medida, para a elaboração do Plano de Gestão em um futuro dossiê a ser submetido à UNESCO, especialmente no capítulo sobre turismo. É importante ressaltar, contudo, que as análises e propostas aqui apresentadas são de caráter preliminar e não devem excluir a necessidade de estudos mais aprofundados e específicos sobre cada uma das dimensões apresentadas, em particular o turismo e o envolvimento da comunidade.

Espera-se que as respostas às questões levantadas neste Workshop sejam úteis e relevantes para estruturar novas abordagens para a candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio Mundial UNESCO. Nesse sentido, este relatório contribui para a compreensão e as sugestões de ações dos membros da rede UNITWIN, participantes do workshop, para o território, considerando elementos e possibilidades que possam contribuir para um processo de candidatura mais bem estruturado.

### **Nota técnica 1**

*Neste relatório, optou-se por uma apresentação concisa das observações, considerações e propostas do grupo que visitou o território durante o workshop, evitando-se, assim, uma descrição detalhada dos locais e contextos, uma vez que essa informação pode ser encontrada em outras fontes. O relatório enfatiza as percepções dos participantes com base em observações diretas durante o workshop, bem como suas experiências e conhecimentos gerais sobre os conceitos, princípios e procedimentos da UNESCO.*

### **Nota técnica 2**

*Embora algumas referências e fontes sejam citadas ao longo do relatório, elas não devem ser entendidas como as únicas e mais relevantes fontes sobre os temas abordados. Quando o dossiê de candidatura for preparado com a organização técnica competente, essas e outras fontes precisarão ser comparadas, avaliadas, revisadas e/ou complementadas com outras. A mesma advertência se aplica ao conjunto de dados empíricos apresentados neste relatório, visto que a visita de alguns dias ao território não constituiu um diagnóstico exaustivo, mas sim uma ilustração dos elementos que compõem a argumentação para a construção de uma futura candidatura a Patrimônio Mundial.*



Foto: Bruno Moura

# Parte A

## ASPECTOS GERAIS PARA O (FUTURO) PROCESSO DE CANDIDATURA



*Aquarela por María García Hernández (Junho, 2025)*

## INTRODUÇÃO

---

Antes de discutir especificamente as relações entre turismo e patrimônio na **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**, é essencial destacar algumas bases conceituais e desafios organizacionais que podem servir de guia para sua candidatura a Patrimônio Mundial Misto da UNESCO.

A partir de experiências pessoais e alguma literatura de referência, os participantes do workshop entenderam que era relevante destacar aspectos-chave que sustentam um processo de candidatura a Patrimônio Mundial, como pilares para a construção de argumentos e a coleta de evidências.

### 1. IDENTIFICANDO VALORES UNIVERSAIS EXCEPCIONAIS (VUE)

A definição de Valor Universal Excepcional (VUE) constitui a espinha dorsal de qualquer candidatura, pois organiza a narrativa em torno da excepcionalidade. De acordo com a UNESCO,

Para serem incluídos na Lista do Patrimônio Mundial, os sítios devem ter valor universal excepcional e atender a pelo menos um dos dez critérios de seleção. (...) Até o final de 2004, os sítios do Patrimônio Mundial eram selecionados com base em seis critérios culturais e quatro naturais. Com a adoção das Diretrizes Operacionais revisadas para a Implementação da Convenção do Patrimônio Mundial, agora há um conjunto unificado de dez critérios (UNESCO, <https://whc.unesco.org/en/criteria/>)

Esses critérios estão detalhados nas **Diretrizes Operacionais para a Implementação da Convenção do Patrimônio Mundial**<sup>1</sup>, desenvolvidas e constantemente atualizadas pelo Comitê do Patrimônio Mundial, que incluem orientações adicionais para apoiar novas candidaturas.

No caso da **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe** - inscrita na Lista Indicativa em 2024 - foram considerados três critérios: **iii, vi e viii**.

### CRITÉRIO III

Prestar um testemunho único ou, pelo menos, excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização, seja ela viva ou extinta.

Isso representa desafios ainda maiores, visto que as evidências sobre as tradições indígenas do grupo étnico Cariri parecem carecer de uma sistematização científica consistente. Estudos realizados por universidades da região nas áreas de arqueologia,

---

<sup>1</sup> Para informações mais detalhadas, visitar: <https://whc.unesco.org/en/guidelines/>

antropologia histórica, história e estudos culturais (p. ex., Oliveira, 2017; Meneses, 2016; Figueiredo Filho, 2010[1964]; Souza, 1989) indicam progresso, mas ainda não se traduziram em bases consolidadas para o dossiê. Isso exige maior coordenação entre os atores que lideram a candidatura e os pesquisadores das universidades da região, tanto sobre o povo indígena Cariri, quanto sobre grupos humanos ancestrais, assim como comunidades tradicionais ainda presentes na região, como evidenciado em sítios no nordeste, no Parque Nacional das Sete Cidades e no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, que possuem paleoambientes similares aos encontrados em Cariri.

## CRITÉRIO VI

Estar direta ou tangivelmente associado a eventos ou tradições vivas, a ideias ou crenças, a obras artísticas e literárias de excepcional importância universal. (O Comitê considera que este critério deve ser preferencialmente utilizado em conjunto com outros critérios).

O debate acadêmico sobre patrimônio imaterial tem demonstrado que a legitimação de práticas socioculturais exige evidências de sua historicidade, transmissão intergeracional e dimensão coletiva das expressões culturais. Isso também representa um desafio, que envolve a relação com pesquisadores da área, provenientes de universidades e instituições de pesquisa da região. A imaterialidade do patrimônio, expressa por meio de danças, festividades, culinária e saberes, entre outras dimensões, está fortemente presente na região, mas precisa ser relacionada ao patrimônio material, visto que este predomina no “Documento”.

Nesse sentido, a articulação com pesquisadores locais/regionais, cujo trabalho abrange a inter-relação entre os recursos culturais materiais e imateriais, é o grande desafio para a elaboração de um dossiê de candidatura coerente. Cabe ressaltar que esse critério também está vinculado às políticas públicas do Estado do Ceará, como o programa “Tesouros Vivos da Cultura”, que será abordado posteriormente neste relatório.

## CRITÉRIO VIII

Serem exemplos notáveis que representam estágios importantes da história da Terra, incluindo o registro da vida, processos geológicos significativos em andamento no desenvolvimento de formas de relevo, ou características geomórficas ou fisiográficas significativas.

Essa posição já é amplamente defendida, visto que a Chapada abriga fósseis únicos e outros recursos paleontológicos que, como mencionado por alguns autores no “Documento”, fazem da Chapada um “arquivo vivo” da história geológica e paleontológica da Terra. O reconhecimento prévio do Geoparque do Araripe pela UNESCO (2006) sustenta esse argumento e permite a expansão das possibilidades de inter-relação entre duas categorias da UNESCO (futura categoria mista de Patrimônio Mundial e geoparque), aumentando as justificativas para a próxima candidatura. Na região da Chapada, existem inúmeros sítios paleontológicos que figuram entre os mais significativos do mundo em

termos de diversidade de fenômenos do passado geológico da Terra. Além disso, o Museu de Paleontologia, localizado no município de Santana do Cariri, é um importante centro de referência para pesquisa e educação pública sobre o tema, envolvendo ativamente crianças e jovens na curadoria e interpretação de seu acervo.

\* \* \*

Em suma, para estruturar a argumentação de uma futura candidatura com base nesses três critérios, é necessário articular os conceitos de Valor Universal Excepcional (VUE) com evidências e dados científicos em paleontologia e geociências, em relação com antropologia, arqueologia e estudos do patrimônio imaterial. Esse diálogo interdisciplinar sustentará uma candidatura que não apenas reconheça a singularidade dos elementos da natureza (presentes e passados), já bem estabelecida nos estudos preliminares, mas também a integre à dimensão cultural com evidências concretas e robustas, superando os riscos de fragilidade argumentativa da candidatura.

## 2. A INTERCONEXÃO NATURAL-CULTURAL

A declaração como sítio misto exige mais do que a justaposição de dimensões: é preciso construir uma análise integrada. Nesse sentido, o conceito de sociobiodiversidade é primordial, servindo como pilar estratégico para marcar a região no processo de indicação. Na verdade, vincula a biodiversidade e as práticas sociais, com estratégias de salvaguarda dos conhecimentos tradicionais e atenção simultânea à gestão territorial, visando garantir a presença destas comunidades nos seus territórios ancestrais.

No caso da Chapada do Araripe, torna-se fundamental documentar e esclarecer, a partir de dados secundários e até primários, como a sociobiodiversidade se manifesta na região: espécies nativas da fauna e da flora utilizadas pelas comunidades, práticas agrícolas e extrativistas ancestrais e não sobrepostas pelo agronegócio, sistemas de transmissão de conhecimentos baseados nos elementos da natureza e seu papel na coesão social, entre outros. E outras ações desenvolvidas dentro das visões de mundo dessas comunidades, que representam um elemento importante de suas práticas socioculturais, servindo como testemunho de práticas e modos de vida alternativos no mundo contemporâneo. Isto deverá permitir uma análise integrada entre a natureza e a sociedade, evitando uma abordagem excludente e fragmentada.

Em paralelo, os conceitos de **Serviços Ecossistêmicos Culturais (SEC)**<sup>2</sup> e **Bens Comuns**<sup>3</sup> podem ampliar a compreensão da interdependência entre natureza e cultura, enfatizando valores intangíveis como espiritualidade e religiosidade, saúde e bem-estar, educação ambiental, lazer, identidade e pertencimento, e usos coletivos de recursos. O bem

---

<sup>2</sup> Para um debate abrangente sobre a SEC, o livro recentemente publicado “The Routledge Handbook of Cultural Ecosystem Services” (McElwee et al., 2025) pode ser uma fonte relevante para leitura complementar. O acesso gratuito está disponível aqui: <https://www.taylorfrancis.com/reader/download/8f80dae7-69de-46d3-8c3b-f05d03f72a6e/book/pdf?context=ubx>

<sup>3</sup> Um dos pilares para se discutir, no domínio econômico, a teoria dos bens comuns é a economista Elinor Ostrom, com o livro seminal “Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action” (2015). Sobre este tema, veja também Dardot, P., & Laval, C. Common: On Revolution in the 21st Century. Londres: Bloomsbury Academic, 2019, que trata o bem comum como um ato político a ser alcançado.

comum se institui por meio de práticas coletivas, baseadas em uma construção “de baixo para cima” que o define como um princípio político. Nesse sentido, a comunalidade leva à coobrigação, configurando-se como um horizonte de alternativas para um patrimônio vivido ou percebido, a partir da perspectiva das comunidades locais em Cariri.

Mais do que a definição de Serviços Ecosistêmicos Culturais (SEC) da Avaliação Ecosistêmica do Milênio (2005) como os **“benefícios intangíveis e não materiais que as pessoas desfrutam dos ecossistemas”**, estes podem ser considerados um “componente importante das maneiras pelas quais os humanos valorizam positivamente suas **interações com a natureza, o que pode se traduzir em apoio a políticas ambientais, desenvolvimento econômico por meio do turismo e recreação e benefícios sociais diretos, como melhor saúde e bem-estar**” (Masterson et al. 2019 apud McElwee et al., 2022).

Partindo dessas premissas, é necessário envidar esforços para produzir informações sobre a sociobiodiversidade da região, com foco nas correlações entre os domínios natural e cultural. O Brasil já oferece um corpo consolidado de conhecimento sobre o tema, com importantes bases teóricas que justificam a originalidade da candidatura em termos conceituais e metodológicos. Em outras palavras, com base nos fundamentos teóricos existentes sobre o tema, deve-se construir um capítulo sobre como essas relações se manifestam na Chapada. Ao mesmo tempo, a já extensa literatura internacional sobre Bens Culturais e Sociais da Natureza (BCS) possibilita a inclusão da Chapada no debate global, tornando a candidatura mais compreensível para a comunidade científica e os avaliadores internacionais.

### 3. A JUSTIFICATIVA DO PERÍMETRO

A definição do perímetro vai além de uma questão cartográfica: trata-se de delimitar a escala e a natureza interligada do VUE. A Chapada do Araripe, enquanto unidade geomorfológica, apresenta contornos evidentes, nomeadamente as suas encostas íngremes, mas é necessário estabelecer uma maior coerência entre os limites naturais, culturais e administrativos na construção do dossiê.

A pesquisa nas áreas de geografia, planejamento espacial e paisagem pode fornecer os conceitos e ferramentas adequados para melhor justificar os perímetros com base nas dinâmicas geomorfológicas, ecológicas e socioculturais. Assim, a definição dos limites para o futuro sítio da UNESCO pode se tornar um argumento-chave da candidatura, superando as críticas sobre a redundância com o Geoparque ou quaisquer outras áreas de conservação natural e cultural preexistentes. Reuniões técnicas com as partes interessadas locais, representando os setores/entidades naturais e culturais, poderiam ser promovidas com o objetivo de definir esses limites – e suas implicações – com maior clareza.

Experiências de outros casos destacados por membros da Rede Unitwin – como a *Paisagem Cultural Cafeteira da Colômbia*, reconhecida como Patrimônio Mundial da UNESCO em 2011 – demonstram que a delimitação deve refletir tanto a integridade dos processos naturais quanto a representatividade cultural, sem deixar de lado os laços sociais e institucionais que impulsionam o cotidiano e a vida política. De fato, mapas elaborados

com elementos cartográficos (iconográficos) proeminentes, que vinculem áreas protegidas, municípios e domínios de Geoparques, são instrumentos fundamentais para a comunicação e a legitimação científica.

#### 4. COMPARAÇÃO COM OUTROS SÍTIOS DO PATRIMÔNIO MUNDIAL

O processo comparativo é uma exigência da UNESCO. Até o momento, o “Documento” tem se limitado a exemplos brasileiros, mas é crucial incorporar também casos internacionais. **A Paisagem Cultural Cafeteira** (Colômbia) – PCCC, indicada como Patrimônio Mundial da UNESCO em 2011, surge como referência devido à sua complexidade territorial e aos desafios de conciliar conservação, economia e identidade cultural. É também um importante exemplo latino-americano.

Durante o workshop, a Dra. Edna Rozo, da Universidade de Externado, fez uma apresentação sobre as características deste caso colombiano. De especial relevância neste caso é o fato de o sistema de produção de café preexistente ter fornecido as bases para o estabelecimento de um esquema de governança para a PCCC (Comissão de Cooperação em Café da Colômbia) – incluindo agendas turísticas. As informações desta apresentação, bem como a documentação sobre a PCCC, poderiam ser utilizadas e aprimoradas na revisão da candidatura de Chapada para comparação com um local similar.



**Figura 1** - Apresentação do caso "Paisagem Cultural Cafeteira da Colômbia", por Edna Rozo

A literatura sobre comparações internacionais de sítios do Patrimônio Mundial da UNESCO, como Labadi (2013) ou Harrison (2015), enfatiza que as comparações não devem ser meramente descritivas, mas constituir instrumentos para fundamentar a excepcionalidade, elemento central na definição de Valor Universal Excepcional (VUE). Em outras palavras, é mais apropriado não descrever a Chapada do Araripe apenas como uma singularidade local/regional, e sim que sua candidatura seja respaldada por um exercício comparativo com outros sítios, especialmente na América Latina, que enfrentaram desafios semelhantes de legitimação internacional. Essa abordagem reforça a ideia de Valor Universal Excepcional (VUE), demonstrando que a Chapada não é apenas "mais um" sítio, mas um

caso exemplar que contribui para os debates globais sobre conservação, diversidade cultural e sociobiodiversidade.

Possíveis casos comparáveis, inseridos em contextos socioecológicos e culturais semelhantes ao da Chapada do Araripe enquanto Patrimônio Mundial, são:

- Paraty e Ilha Grande – Cultura e Biodiversidade (Brasil)
- Cidade antiga maia e florestas tropicais protegidas de Calakmul, Campeche (México)
- Parque Nacional Simien (Etiópia)

Nesse sentido, nesse esforço de comparação com outros sítios, é importante demonstrar o quanto a Chapada se apresenta como uma evidência real, ou potencial, para a composição de uma rede internacional de valor patrimonial universal. Portanto, os temas para essas comparações podem abranger tópicos como patrimônio em tempos de mudanças climáticas, pressões do turismo e desigualdades sociais.

## 5. NECESSIDADE DE UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E INTERSETORIAL

A Chapada do Araripe deve ser entendida como um “palimpsesto territorial”, no qual diferentes camadas geológicas, ecológicas, arqueológicas e culturais se sobrepõem e interagem. Essa perspectiva exige uma compreensão complexa do território, capaz de articular diversas temporalidades – desde a escala de milhões de anos de história geológica e paleontológica até as formas contemporâneas de ocupação humana e práticas socioculturais. Para dar conta dessa complexidade, uma abordagem interdisciplinar é indispensável, mobilizando áreas como geociências, arqueologia, antropologia, história, geografia, turismo, biologia e ciências ambientais.

Contudo, numa abordagem de governança do patrimônio, a **interdisciplinaridade** “isolada” não é suficiente. Estudos e abordagens interdisciplinares (de diferentes áreas da ciência) serão mais frutíferos quando associados à **intersectorialidade**. Isto se refere ao envolvimento de profissionais e funcionários de organismos públicos, universidades, museus, gestores de áreas protegidas, organizações comunitárias e suas lideranças, e actores do sector do turismo – num diálogo onde a conceituação e gestão do patrimônio são socialmente legitimadas. Essa articulação entre ciência, políticas públicas e sociedade civil deve ampliar a legitimidade da indicação da Chapada, garantindo que ela seja reconhecida não apenas como um exercício técnico, mas como um processo democrático de construção de sentido e de valorização territorial/patrimonial.

Do ponto de vista metodológico, esta abordagem pressupõe uma articulação de diversos campos do conhecimento e setores/entidades numa discussão específica de um tema, neste caso, o Patrimônio. Considera-se, portanto, que a proposta de um Sítio do Patrimônio Mundial deve ser entendida e tratada como “laboratórios a céu aberto” aplicados ao patrimônio. A candidatura não deve limitar-se à recolha de provas científicas, mas articular a produção acadêmica com as práticas de gestão e o saber local, promovendo um diálogo constante entre o saber formal e o tradicional. E isto já ocorre na região, com os “museus orgânicos” e os “tesouros vivos”, como se verá adiante, para não mencionar a riqueza das

experiências com os princípios da “Arqueologia Social Inclusiva”, tal como discutido por Mendonça (2015).

Assim, o patrimônio deve ser compreendido como uma prática social contemporânea, o que implica reconhecer sua dimensão viva e sua permanente negociação ou disputa de interesses. Nesse sentido, a candidatura da Chapada tem o potencial de exemplificar como uma região pode ser interpretada não apenas como um repositório de testemunhos do passado, mas como um espaço ativo para a produção de identidades, memórias do presente e futuros.

Dessa forma, a candidatura da Chapada do Araripe pode ser apresentada como um modelo inovador de preservação do patrimônio: interdisciplinar na produção de conhecimento, intersetorial na governança e comparativa em sua fundamentação internacional (considerando as informações do tópico anterior). Mais do que atender aos critérios da UNESCO, trata-se de consolidar um projeto territorial que valoriza a diversidade cultural, a riqueza natural e a participação social, projetando a Chapada do Araripe como uma referência global em gestão integrada do patrimônio em tempos de desafios planetários.

## 6. GOVERNANÇA

A governança de sítios inscritos ou em processo de candidatura a Patrimônio Mundial exige uma estrutura conceitual robusta que vá além da gestão administrativa e incorpore reflexões sobre legitimidade, poder e justiça. Nesse sentido, quatro categorias analíticas são particularmente relevantes: multinível e multiescalaridade, legitimidade social, responsabilidade e justiça social.

A primeira categoria, **multinível e multiescalar**, deve considerar que estruturas de governança eficazes dependem de arenas/espços de negociação e de redes capazes de articular diferentes camadas de poder e autoridade, reduzindo as hierarquias entre esses atores no processo de tomada de decisão. No caso dos sítios do Patrimônio Mundial, isso implica articular os níveis comunitário e municipal com os níveis estadual, nacional e internacional, uma vez que cada um corresponde a diferentes recursos, narrativas e responsabilidades.

A segunda categoria, a **legitimidade social**, deve considerar que o patrimônio é sempre um campo de disputa simbólica, política e econômica. A governança, nesse sentido, não pode ser meramente normativa: precisa estar ancorada em processos que garantam que diferentes grupos sociais — incluindo comunidades locais e tradicionais, povos indígenas, gestores públicos, especialistas e atores privados — participem da construção de um valor universal excepcional.

A terceira categoria, a da **responsabilização (accountability)**, refere-se à transparência e à responsabilidade pelos processos de tomada de decisão. Inspirando-se nos debates contemporâneos sobre a governança do patrimônio, este princípio exige mecanismos claros de envolvimento, monitoramento público e avaliação independente das políticas implementadas. A governança da Chapada do Araripe, por exemplo, poderia estabelecer

relatórios periódicos, elaborados por órgãos independentes, acessíveis à sociedade e à UNESCO, criando um ciclo virtuoso de confiança.

Por fim, a categoria de **justiça social** baseia-se em modelos de governança colaborativa capazes de reconhecer os direitos das comunidades locais, integrando o conhecimento científico e o tradicional. A conservação/manutenção do patrimônio deve, portanto, dialogar com as demandas por equidade, inclusão e distribuição justa dos benefícios sociais e econômicos derivados da valorização do patrimônio.

Sugere-se, portanto, que o processo de indicação da Chapada do Araripe considere essas quatro categorias analíticas na estruturação dos processos de governança local. Ao reconhecer essas recomendações, o futuro dossiê precisa apresentar como essas categorias estão sendo trabalhadas ou já implementadas na região. Tendo isto em mente, espera-se garantir a construção de uma estrutura de governança que vá além da conformidade técnica com os requisitos da UNESCO. Trata-se de consolidar uma proposta inovadora de governança do Patrimônio Mundial territorialmente vasto, em que a ciência, a política e a sociedade se articulam em arranjos democráticos, multiescalares e socialmente justos, favorecendo a participação de todos os atores afetados ou interessados nestas arenas de negociação.

## 7. DESAFIOS PLANETÁRIOS

A candidatura da Chapada do Araripe a Patrimônio Mundial Misto deve ser concebida em diálogo com os desafios planetários contemporâneos, como as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e a poluição (PNUMA, 2019). A Chapada apresenta características importantes relacionadas a essas questões, ligadas ao seu papel como grande produtora de água em meio a áreas do semiárido brasileiro, refúgio de biodiversidade entre as ecotonais do Cerrado, da Caatinga e das Florestas Úmidas, e espaço de interação histórica entre as sociedades humanas em suas relações com esses ambientes. Esses fatos devem ser considerados na elaboração do novo dossiê, destacando a Chapada como uma demonstração de conservação ambiental e cultural. Essa abordagem pode contribuir como resposta local às crises globais, em consonância com os debates sobre o Antropoceno e as emergências socioambientais (Crutzen, 2002; Chakrabarty, 2009; Leff, 2015a, 2015b).

Nesta abordagem, o Dossiê deverá ser estruturado em torno de áreas de atuação que contribuam para a redução dos processos de emergência socioclimática, tais como:

- Destacar uma abordagem de gestão integrada e adaptativa às mudanças climáticas em curso.
- Apresentar claramente estratégias para a conservação da água, proteção de espécies da fauna e flora, gestão de áreas protegidas, áreas abertas à visitação e manutenção de práticas culturais tradicionais.

Ações deste tipo já estão indicadas em instrumentos de planejamento local e regional, como planos de gestão para unidades de conservação e alguns planos diretores. No entanto, estas precisam ser devidamente integradas, enfatizando ações para a proteção do patrimônio cultural e natural, reforçando o conceito de sociobiodiversidade.

Um eixo importante que vem se consolidando em diversas partes do planeta é o estabelecimento e o monitoramento de **indicadores de resiliência**. Isso envolve a criação de sistemas contínuos de coleta de dados sobre as mudanças nas características naturais e culturais locais em resposta às mudanças climáticas e aos impactos humanos, indicando suas respostas ecológicas. Nesse sentido, é fundamental desenvolver indicadores que orientem as decisões adaptativas e subsidiem a elaboração de relatórios periódicos para os órgãos de gestão e a UNESCO.

Outro aspecto fundamental diz respeito ao fortalecimento da estrutura de um **sistema de governança participativo e multiescalar**, conforme indicado na seção anterior. Com base nessas categorias — multissetorial e multiescalar, responsabilização (*accountability*), transparência e justiça social — os atores locais e regionais podem tomar decisões para enfrentar as crises socioclimáticas durante essa emergência socioambiental.

É também importante considerar os **programas educativos e de sensibilização ambiental** dirigidos aos visitantes e às comunidades como foco central. Isto permite a promoção de experiências que demonstram a interdependência entre o patrimônio natural e cultural, fortalecendo a dimensão social do Valor Universal Excepcional (VUE).

As estratégias ou eixos aqui apresentados podem transformar a candidatura da Chapada em um modelo de Patrimônio Mundial resiliente e inovador, capaz de gerar conhecimentos aplicáveis, experiências replicáveis e lições locais sobre a conservação integrada de paisagens culturais e naturais diante de emergências socioclimáticas e crises ambientais.

# Parte B

## O PRESENTE E O FUTURO DO TURISMO NA CHAPADA DO ARARIPE



*Aquarela por María García Hernández (Junho, 2025)*

## O TURISMO COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO

Durante décadas, o turismo foi entendido e promovido como um mecanismo de desenvolvimento econômico, envolvimento comunitário, transmissão de conhecimento, motor de melhoria social e veículo poderoso para encontros e intercâmbios culturais. Por outro lado, a exacerbação da atividade nas últimas décadas levou a preocupações significativas relativas à utilização excessiva de recursos, às transformações abruptas da paisagem e à imposição de novas rotinas às comunidades anfitriãs, para citar algumas das consequências do turismo. Estas preocupações são especialmente relevantes quando se trata de turismo em ambientes naturais e culturais frágeis, sejam os sítios reconhecidos como patrimônio mundial ou não. Afinal, é através do turismo que o VUE e o que ele representa pode ser (e espera-se que seja) partilhado e valorizado em coordenação com o público internacional – incluindo os turistas.

Assim, todas as precauções necessárias devem ser tomadas antes de desenvolver o turismo de forma mais abrangente e sistemática. No entanto, o turismo, incluindo o turismo internacional, é um aspecto importante da candidatura a Patrimônio Mundial. O turismo e outras atividades econômicas que contribuem para a qualidade de vida e o bem-estar das populações fazem parte dessa candidatura e espera-se que contribuam para a proteção do patrimônio natural e cultural da região – alguns muito frágeis e vulneráveis, como sítios arqueológicos e paleontológicos.

A Chapada do Araripe oferece um produto turístico básico e genérico, baseado na natureza, comercializado principalmente por pequenos operadores turísticos independentes. Uma rápida pesquisa online revela uma oferta comercial baseada em estadas curtas (3-4 dias), organizadas como excursões, sobretudo ao geoparque – nomeadamente à Floresta Nacional Araripe-Apodi. Assim, os geossítios (especialmente os naturais) já constituem recursos turísticos ativos, promovidos e comercializados com o rótulo de "ecoturismo". Em nível nacional, a Chapada parece estar a emergir como um destino de ecoturismo no seu sentido mais amplo, embora para o turismo regional (estados vizinhos) a componente religiosa desempenhe um papel importante (peregrinações ao Horto do Padre Cícero, por exemplo). O patrimônio cultural – especialmente os recursos imateriais – é um potencial, embora ainda esteja pouco integrado num mercado turístico mais abrangente.



Figura 2 - Ilustração de um produto turístico focado na região de Cariri (1)



**Figura 3** - Ilustração de um produto turístico focado na região de Cariri (2)

Portanto, no que diz respeito às atrações culturais, algumas têm um **potencial real para se tornarem produtos turísticos estruturados**. Isso, no entanto, precisa, em primeiro lugar, do acordo dos principais atores, sejam eles os “Mestres da Cultura Tradicional do Cariri” (com base na política de Tesouros Vivos, definida pela legislação do estado do Ceará), os proprietários de museus orgânicos ou mesmo outros membros da comunidade. E isso não pode acontecer sem um diálogo claro com as comunidades locais sobre as consequências positivas e negativas das escolhas que estão sendo feitas.

É também necessário **criar uma compreensão clara das múltiplas implicações da abertura desses locais ao turismo**, a fim de antecipar e estar preparado para prevenir impactos negativos e a banalização do local. O turismo deve servir como uma ferramenta fundamental para promover a qualidade de vida e proporcionar experiências memoráveis aos visitantes – não uma coisa ou outra, mas ambas. Para tanto, um planejamento cuidadoso e coordenado é imprescindível.

Em suma, o desenvolvimento do turismo requer uma abordagem de planejamento clara em termos de infra-estruturas, interpretação, ligações entre os diferentes locais, atividades lúdicas, contação de histórias, etc. Isto implica a necessidade não só de identificar locais de interesse turístico existentes e potenciais, mas também de procurar formas de evitar o fenômeno de imitação observado em milhares de locais turísticos em todo o mundo, onde empresários de segunda categoria procuram copiar o produto “real”.

Partindo dessas premissas, as seções seguintes apresentarão considerações específicas sobre como aprimorar de forma coerente o desenvolvimento do turismo, em consonância com os valores a serem considerados na elaboração de um dossiê de Patrimônio Mundial, conforme mencionado anteriormente (Parte A). Isso pode ser particularmente útil para a

elaboração de um capítulo sobre turismo em um Plano de Gestão a ser detalhado e concebido em breve.

## I. Desenho da experiência

A visita de campo mostrou principalmente exemplos de potenciais atrações turísticas culturais (principalmente museus orgânicos e tesouros vivos) relacionadas a projetos da Fundação Casa Grande e financiadas, em parte, pelo Estado do Ceará. A priori, pode-se afirmar que o programa/projetos socioculturais e educacionais da própria Casa Grande constituem um ponto forte.



**Figura 4** - Fundação Casa Grande: pólo de iniciativas, incentivo cultural e ignição turística  
(Foto: Thiago Allis, junho de 2025)

O dinamismo e a participação da comunidade são aspectos muito interessantes, assim como o envolvimento das gerações mais jovens em todo o sistema. No entanto, **existe o risco de alguns segmentos da população serem excluídos do processo**, seja por falta de conhecimento, escassez de recursos ou desinteresse, o que poderia gerar tensões no futuro. Existem mecanismos em vigor para manter e dar continuidade ao processo participativo e lidar com essas limitações?

A adequação turística dos geossítios é evidente (possuem alguns painéis interpretativos, mapas, vigilância, centros de interpretação e espaços museológicos como o Horto do Padre Cícero ou o Mirante das Caldas), mas os espaços destinados a se tornarem recursos para complementar culturalmente a experiência turística ainda estão subdesenvolvidos.



**Figuras 5 e 6:** Mirante do Caldas e Colina do Horto: Geossítios no Geoparque Araripe  
Fotos: Thiago Allis e Emanuela Canghiari, junho de 2025)

A construção de uma narrativa turismo-patrimonial para a Chapada que articule a apresentação dos recursos turísticos naturais e patrimoniais é uma questão em aberto. Por exemplo, **como combinar a TBC com as características paleontológicas naturais?**



**Figuras 7 e 8:** Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri (CE)  
(Fotos: Thiago Allis, junho de 2025)

Se os visitantes encaminhados pelo programa de Turismo de Base Comunitária (TBC) gerido pela FCG para a região se envolvessem de forma mais orgânica com o esquema de visitas do Museu Plácido Cidade Nuvens – onde estudantes locais atuam como guias sob os auspícios de um programa de extensão gerido pela URCA – surgiriam mais oportunidades para envolver as comunidades nas rotinas turísticas. No entanto, outras partes do território também devem ser consideradas (não apenas o próprio museu), tendo como apoio projetos de pesquisa e acadêmicos na área da paleontologia – de forma semelhante ao programa de Arqueologia Social Inclusiva, liderado pela Fundação Casa Grande e pela URCA.

De fato, **sítios arqueológicos** – como Santa Fé, que ainda precisa de infraestrutura básica para visitas e atividades interpretativas – podem funcionar tanto como estratégia de diversificação para o desenvolvimento do turismo em áreas mais amplas quanto como fonte de engajamento público com os princípios da Arqueologia Social Inclusiva. Ao terem a oportunidade de vivenciar um sítio arqueológico, os turistas se imergiriam em ambientes particulares nas encostas da Chapada do Araripe, conectando passado e presente.



**Figuras 9 e 10:** Sítio Arqueológico Santa Fé, Crato (CE)  
(Fotos: Thiago Allis, junho de 2025)

Por fim, o papel do **artesanato como recurso cultural é um elemento de ligação entre as experiências em Cariri**, desde as manifestações da vida rural até a produção material, passando por manifestações culturais na forma de religiosidade e festividades.

O artesanato possui valor devido à sua autenticidade (por ser produzido por artesãos locais), tornando relevante a consideração, nas políticas de turismo e valorização cultural,

da manutenção e proteção dos saberes tradicionais, das práticas sociais e coletivas. Além disso, para a recuperação de técnicas, materiais e objetos que agregam valor à produção artesanal no território, a existência de "mestres da cultura" é um grande trunfo, representando uma ferramenta muito importante para impulsionar um processo cultural de transmissão desse legado para as novas gerações. Para além da salvaguarda das tradições, a utilização do artesanato como recurso econômico deve ser priorizada, visto que se trata de uma alternativa muito importante, uma vez que a produção e a comercialização do artesanato são formas essenciais de geração de renda para os habitantes e um instrumento para a revalorização das práticas e do conhecimento cultural popular.

Para além do produto em si, a **oportunidade de vivenciar os métodos de produção constitui – e poderia ser ainda mais – um mecanismo de envolvimento do visitante no local**, oferecendo também contato com o ambiente cultural da sua produção. Assim, a dimensão sociocultural transcende a materialidade da peça e envolve o visitante em percursos de compreensão das culturas essenciais da Chapada do Araripe.



**Figuras 11 e 12:** Oficina de xilogravura, na Lira Nordestina, Juazeiro do Norte (CE), e cerâmica no Museu Corrinha Mão na Massa, Missão Velha (CE)  
(Fotos: Thiago Allis e Emanuela Canghiari, junho de 2025)



**Figura 13:** Oficina de xilogravura, na Lira Nordestina, Juazeiro do Norte (CE)  
(Foto: Bruno Moura, junho de 2025)



**Figura 14:** Lira Nordestina, apoiada pela Universidade Regional do Cariri (URCA)  
(Foto: Lluís Mundet, junho de 2025)

## CONSELHOS & MELHORIAS POTENCIAIS

### 1. Incluir e manter as gerações mais velhas em todas as experiências.

Nos últimos tempos, tem havido uma tendência, ao conceber experiências em locais de interesse cultural, de focar a atenção nas crianças, sob a premissa de que “elas são o futuro”. Embora seja verdade que as crianças representam um investimento fundamental na transmissão de valores e conhecimentos, essa perspectiva não deve acabar por enfatizar excessivamente uma faixa etária, ignorando a participação ativa de outras gerações — especialmente as pessoas mais velhas. Nesse sentido, os programas Tesouros Vivos e Museus Orgânicos preenchem uma lacuna no que diz respeito às estratégias de transmissão intergeracional (já que é um dos requisitos para ser considerado um tesouro vivo, por exemplo). No entanto, não está totalmente claro quais serão as ações para preservar o patrimônio cultural quando as gerações mais velhas já não existirem.

O **vínculo intergeracional é essencial para uma experiência cultural** verdadeiramente completa. Os idosos não são apenas receptores passivos de cultura; são portadores vivos de memória, perspectivas históricas e experiências de vida que enriquecem profundamente qualquer interpretação do patrimônio. Negligenciar a sua presença na concepção de visitas culturais não só empobrece a experiência colectiva, mas também fragmenta o tecido social que liga o passado, o presente e o futuro.



**Figuras 15 e 16:** O seleiro Espedito Seleiro em sua oficina, Nova Olinda (CE)  
(Fotos: Thiago Allis e Emanuela Canghiari, junho de 2025)

### 2. Construir uma narrativa integradora

Para desenvolver um produto turístico que integre natureza e cultura, como neste caso, as **narrativas devem destacar certas áreas de melhoria**, tais como: (i) fortalecer a ligação com as tradições mais ancestrais; (ii) reforçar as ligações entre os vários elementos do local, como os museus orgânicos e os "mestres da cultura"; e (iii) demonstrar a evolução das tradições para as compreender no seu contexto atual.

De forma mais prática, várias ações deveriam ser tomadas, principalmente na área da **comunicação**, como: traduzir o conteúdo, mesmo que com menos detalhes do que em

português (embora os visitantes internacionais representem e possam continuar a representar uma proporção menor no futuro) e desenvolver audioguias em vários idiomas. O ensino de inglês nas escolas locais deve ser formalizado, como já acontece no caso do ensino de paleontologia nas escolas públicas de Santana do Cariri. Além disso, devem ser considerados **centros de interpretação e postos de informação turística** – tomando como exemplo o centro de interpretação do Hotel Lu-á ou as ferramentas utilizadas no Museu de Paleontologia ou no Memorial do Homem do Cariri, na Fundação Casa Grande. Bons mapas e outros recursos visuais são essenciais.



**Figuras 17 e 18:** Técnicas museográficas e de interpretação - Memorial do Homem de Cariri, Nova Olinda (CE) e Museu de Paleontologia, Santana do Cariri (CE)  
(Foto: Emanuela Canghiari, junho de 2025)

Considerando o papel dos aspectos culturais (materiais e imateriais), a experiência turística poderia ser melhor desenvolvida **combinando a experiência prática com a interpretação baseada em informações qualificadas** (sobre processos, materiais, técnicas). Assim, a visita teria foco em atividades mais ativas e menos contemplativas, onde o turista pudesse permanecer mais tempo e produzir o seu próprio artesanato enquanto ouvia as contações de histórias.

## II. Planejamento espacial e ativação territorial

Um ordenamento do território visando o desenvolvimento do turismo, no contexto dos princípios do Patrimônio Mundial, deve começar com uma simples questão: Qual é o destino turístico? Como aliar um destino turístico às definições de um perímetro do PM?

No contexto da gestão territorial e institucional do turismo no Brasil, os destinos turísticos devem se desenvolver numa perspectiva regional – dentro do chamado Mapa do Turismo Brasileiro, no âmbito do Programa de Regionalização do Turismo. Atualmente, a região turística do Cariri é composta por 16 municípios, dos quais apenas Juazeiro do Norte é considerado “município turístico”; os demais – na perspectiva administrativa da regionalização turística – são “municípios com oferta turística complementar” (como Crato, Barbalha, Várzea Alegre e Campos Sales) e “municípios de apoio ao turismo” (Mapa do Turismo, 2026, <https://www.mapa.turismo.gov.br/mapa>). Santana do Cariri, sede do Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, não aparece nesta classificação.

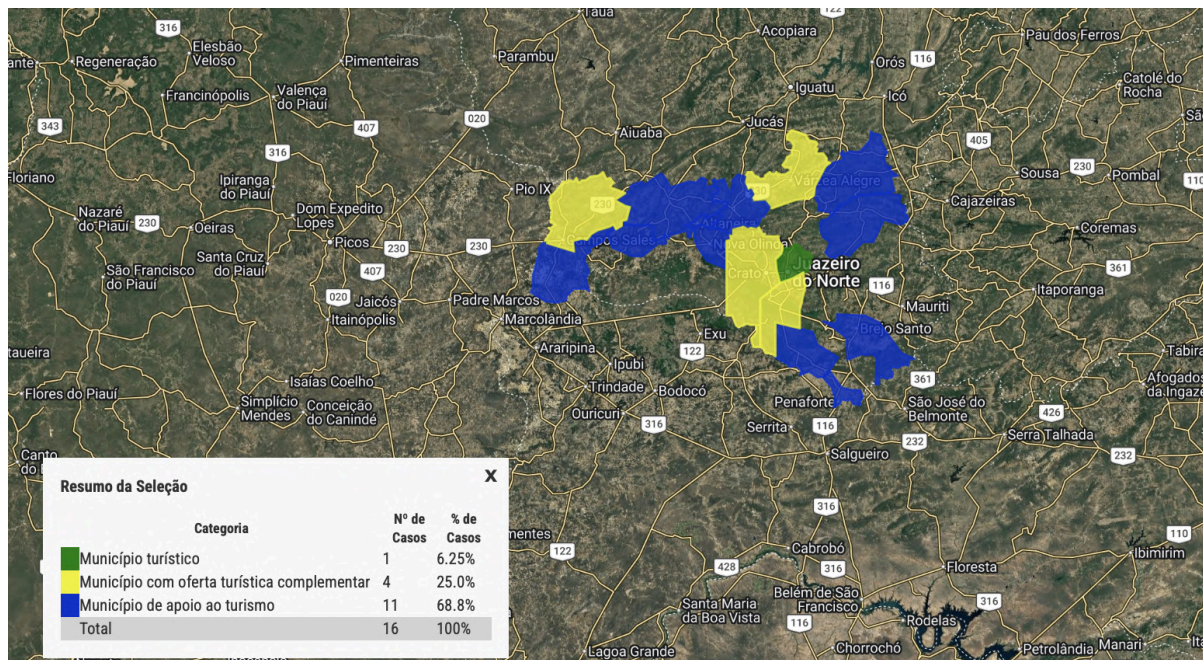


Figura 19: Região Turística do Cariri, segundo o Programa Brasileiro de Regionalização do Turismo

Em termos práticos, um destino turístico envolve uma combinação de fatores atrativos (espaços naturais, atrações culturais, locais de entretenimento, etc.), infraestrutura para visitantes (hospedagem, restauração, serviços em geral) e uma variedade de infraestruturas específicas ou genéricas relacionadas às áreas visitadas. Por sua vez, **o perímetro do Patrimônio Mundial não coincide com o do destino turístico, e os limites podem ser descontínuos no espaço, formando duas ou mais áreas**; não precisam estar dentro de uma única zona ou área contígua. Na maioria dos casos, **o destino é maior e abrange os principais pontos de acesso e diversos polos de serviços** (aeroportos, principais concentrações de hospedagem, etc.).

Para gerir uma paisagem cultural como destino, é necessário deixar de pensar apenas na gestão de "sítios" e adotar uma visão mais holística. Isto implica a adoção de uma abordagem de gestão de destinos: considerar sistematicamente um destino que inclua um aeroporto, vários meios de transporte, bem como núcleos de outras atividades, como as destinadas ao lazer, hotéis e outros tipos de alojamento, restaurantes e estabelecimentos comerciais, etc. (Figura 20).



**Figura 20:** Paisagem cultural como destino (fonte da imagem: Peter Debrine, WHC)

No entanto, é muito difícil combinar aspectos culturais e naturais para atrair visitantes. Os aspectos naturais são mais bem definidos e organizados (de fato, como mencionado, existe toda uma estrutura baseada em geoparques e áreas naturais protegidas - apesar dos riscos de degradação), enquanto os aspectos culturais são dispersos e mais difíceis de articular em roteiros que atraiam visitantes devido às distâncias entre eles e à falta de interesse pelas rotas intermediárias.

O “overtourism” (massificação do turismo) raramente é percebido na região, exceto em casos específicos como eventos religiosos e festas (por exemplo, Santo Antônio, em Barbalha, ou peregrinação sazonal em Juazeiro do Norte), enfrentando diversos níveis de deficiências de serviço. No entanto, é necessário planejar os limites de mudança aceitável (LMA), ou outra técnica bem estabelecida, como a Gestão do Impacto do Visitante (VIM, da sigla em inglês), o Processo de Gestão da Atividade do Visitante (VAMP), a Experiência do Visitante e a Proteção dos Recursos (VERP) ou a utilizada pelo ICMBio – ROVUC (Lista de Oportunidades de Visitação em Unidades de Conservação - “Áreas Protegidas”), a fim de determinar o quanto de turismo a comunidade anfitriã deseja e as condições para absorvê-lo.

Portanto, muito trabalho precisa ser feito para estabelecer um fio condutor comum em todo esse vasto território, um tanto desconexo, tanto geográfica quanto narrativamente, como vimos ao visitar os museus orgânicos - por exemplo, “Mão na Massa Artesanato” (Missão

Velha) e “LAVIDA Chapada do Araripe Family Agricultural Museum” (Santana do Cariri) estão a cerca de 70 km de distância um do outro.

## CONSELHOS & MELHORIAS POTENCIAIS

### 1. Implementar centros de distribuição e rotas regionais selecionadas/sugestões.

Recomenda-se que um ou mais centros de entrada sejam estabelecidos em pontos estratégicos de acesso à região. O primeiro e mais importante deve ser estabelecido no caminho de Juazeiro do Norte, enquanto um plano detalhado de vários roteiros recomendados, passando por diferentes locais e comunidades, deve ser elaborado. Cada rota poderia ser designada em torno de um tema específico (por exemplo, estradas panorâmicas ou rotas que ligam centros de artesanato).

Sugestões claras sobre as diversas atividades que os visitantes da área podem realizar e recomendações de vários itinerários podem ser disponibilizadas de acordo com os interesses dos diferentes perfis. Essa estratégia pode ser combinada com um planejamento integrado, porém seletivo, dos muitos núcleos que a Chapada do Araripe apresenta, levando em conta a categoria “misto”, com componentes seriais, dada a sua grande extensão territorial.

### 2. Fortalecer a gestão e a governança do destino

Trabalhar no nível de destino permite, entre outras coisas: compreender o turismo de forma holística; garantir benefícios para as comunidades; agregar valor ao produto/experiência; investir estrategicamente em infraestrutura; comunicar com os visitantes; gerir os fluxos de visitantes; angariar fundos junto dos visitantes; e gerir ambientalmente a região.

Atualmente, a Chapada do Araripe, enquanto destino, é um conjunto de valores (aparentemente) desconexos, difíceis de unir com um fio condutor comum, não só do ponto de vista narrativo, mas também do ponto de vista físico. Existem muitas boas ideias dispersas, mas o que ainda falta são caminhos ou rotas que integrem as diferentes partes de forma homogênea e não meramente voluntária. Responder positivamente é um desafio enorme.

Atualmente, várias localidades interessantes – como Santana do Cariri (com o seu museu paleontológico, mas com poucas opções de alojamento) e Barbalha (com um centro histórico classificado, palco de importantes celebrações culturais) – oferecem serviços turísticos de qualidade limitada. Uma vez definidos os limites do destino, será necessário **desenvolver uma cadeia de abastecimento turístico regional** com uma oferta equilibrada em diferentes locais.

Também é necessário **identificar agrupamentos territoriais para facilitar as visitas** e evitar deslocamentos longos e desnecessários entre pontos de interesse. Isso implica ainda um **esforço abrangente para melhorar e padronizar a sinalização das rotas**. A definição de rotas específicas (como já mencionado) pode contribuir tanto para a organização do território turístico quanto para a criação de marcas territoriais. Isso poderia ser combinado,

por exemplo, com uma rota temática baseada em alguns dos “mestres da cultura” ou museus orgânicos.

O centro de interpretação, recentemente inaugurado no Hotel Iu-Á (Juazeiro do Norte), e o núcleo educativo na sede do Geoparque (Crato) representam potenciais pontos de partida para o desenvolvimento de uma série de pontos de acesso à Chapada do Araripe. **Um planejamento detalhado, com estudos focados na análise logística e paisagística**, deverá ser realizado, de forma a tornar as visitas ao território viáveis, gerenciáveis e orientadas à experiência.

Esses objetivos, juntamente com os de desenvolvimento turístico, devem ser organizados em um **plano diretor de turismo colaborativo**, abrangente e intersetorial, estruturado com uma abordagem regional – incluindo compromissos e estruturas de governança (ver item 4 desta seção), esquemas de financiamento, programas de treinamento, arranjos institucionais para cooperar com organizações externas, entre outros.

### 3. Considerar o turismo como uma atividade secundária

Em vez de focar apenas no turismo (ou seja, pensar no turismo "como uma caixa"), é necessário **conceber conexões do turismo com diversos outros setores** (como a agricultura ou a produção de artesanato). Muitas vezes, o turismo não se mostra a galinha dos ovos de ouro, e crises recentes evidenciaram sua fragilidade. É fundamental evitar a criação de uma monocultura (baseada no turismo) e, em vez disso, incentivar o desenvolvimento de atividades econômicas adicionais que estejam direta ou indiretamente ligadas ao turismo (como, por exemplo, os setores industrial e agrícola).

É importante refletir sobre **como preservar uma atividade poli-territorial que garanta a segurança alimentar** e onde o turismo seja uma atividade econômica alternativa que contribua para a conservação do patrimônio natural e cultural. De fato, ao organizar um território visando a uma posição de Patrimônio Mundial, é importante definir o papel desejado para o turismo, partindo do pressuposto de que a candidatura não deve ser motivada especificamente pela atração de turistas – embora o turismo seja uma das motivações para a candidatura de um bem a Patrimônio Mundial.

## III. Estratégias de marketing

Uma rápida pesquisa online sobre ofertas turísticas para a Chapada do Araripe mostra que pequenas empresas de Juazeiro e Crato fazem passeios regulares aos geossítios – mas não focam nos aspectos culturais. Já existe um mínimo de atividade turística no entorno da Chapada do Araripe. O Geoparque conta com cerca de 40.000 visitantes por ano nos seus 11 geossítios (de acordo com dados apresentados por Eduardo Guimarães no Seminário). Contudo, a **maioria desses visitantes parece depender de passeios organizados de escalas variadas por operadores turísticos de fora das comunidades da Chapada**, principalmente de Juazeiro e Crato. A maioria desses passeios parece centrar-se em visitas

aos geossítios, destacando assim as características naturais da Chapada (geomorfologia, biomas, paisagem, paleontologia).

O modelo atual parece basear-se em **pernoites em Juazeiro ou Crato (2 a 4 dias) e excursões diárias a diferentes geossítios ou à FLONA**. A questão que se coloca é: os pequenos produtos de turismo comunitário geridos por empreendedores locais, incluindo o alojamento familiar em comunidades rurais da Chapada, são desejáveis e, caso contrário, como podem ser apoiadas estas formas alternativas de turismo? Como ambos modelos (produtos dos operadores turísticos e modos alternativos) poderiam se complementar?

## CONSELHOS & MELHORIAS POTENCIAIS

### 1. Desenvolver uma gama de produtos turísticos alternativos.

Para garantir a valorização sustentável e inclusiva da Chapada do Araripe, devem ser envidados esforços para desenvolver e diversificar os produtos culturais e a experiência dos visitantes, que vão além da exibição estática e de apresentações ocasionais. Essas iniciativas visam não apenas oferecer experiências significativas aos visitantes, mas também fortalecer a transmissão do saber local e da tradição oral. Por exemplo, a figura de Mateus e algumas apresentações de música e dança não devem ser apresentadas como espetáculos isolados, mas integradas a um conhecimento e experiência mais amplos, que incluam explicações sobre seu significado histórico, simbolismo e fundamentos sociológicos.

Existe um potencial considerável para **desenvolver ainda mais o conceito de turismo de natureza**, o que implica identificar rotas de caminhada ou ciclismo, melhorar a infraestrutura ao longo dessas rotas e garantir que os pontos de partida estrategicamente localizados possuam estacionamento adequado para evitar congestionamentos. Certas rotas panorâmicas – talvez para ciclismo e/ou caminhada – devem ser identificadas dentro da Chapada, conectando duas ou mais comunidades.

### 2. Fazer da cultura um elemento de ligação para uma “marca” regional

Se a identidade cultural Cariri se formou ao longo de séculos e hoje abrange um território diverso com repertórios comuns, um desafio é identificar os elementos constituintes que sejam interpretáveis e possam ser disseminados como parte da experiência turística ao longo dos roteiros que percorrem o território. O Centro Cultural Kariri, em Crato (CE), serve como ponto de encontro para eventos e para a promoção de certos aspectos culturais e artísticos. No entanto, dada a vastidão da Chapada do Araripe, um único espaço não consegue abarcar toda a sua diversidade.

Existem muitas referências de produção artística e cultural que podem servir de base para a compreensão desses marcadores de identidade, por exemplo: xilogravura, cerâmica, artesanato em couro, tecelagem, tecnologias ancestrais de produção agrícola, arte em ferro ou pedra, produção de instrumentos musicais, manifestações culturais e religiosas, entre muitas outras. **Quais são os traços comuns que podem ser combinados em uma identidade a ser promovida?**



**Figuras 21 and 22:** manifestações culturais e artísticas no Cariri  
(Fotos: Laura Fuentes e Emanuela Canghiari, junho de 2025)

A gastronomia também pode ser um bom exemplo. **Incentivar a expansão da oferta gastronômica poderia fomentar um importante segmento turístico, especialmente no que se refere ao turismo criativo** (oficinas de culinária criativa da gastronomia nordestina). Isso pode acontecer tanto em áreas urbanas quanto rurais, por exemplo, nas fazendas onde parte dos alimentos é produzida. De fato, seria interessante ampliar o repertório gastronômico, visto que, hoje, o que é oferecido aos visitantes se concentra em cinco ou seis ingredientes (arroz, tapioca, frango, alguns legumes, banana e frutas para sucos). Sem dúvida, a cultura Cariri é uma fonte gigantesca de variedade culinária e alimentar, que carece de mais pesquisas e projetos aplicados em combinação com atividades turísticas.

Um estudo com o objetivo de consolidar a **marca Cariri** também ajudaria a fundamentar os futuros planos de comunicação e marketing turístico. Isso poderia ser feito em cooperação com as diversas universidades e coletivos culturais já existentes na região, com base em modelos de planejamento colaborativo. O Centro de Estudos em Economia Criativa<sup>4</sup>, sediado na UFCA, por exemplo, poderia ser um desses centros a liderar esse processo. Observa-se que **já existem diversas fontes e pesquisas acadêmicas** – a maioria realizada por universidades locais (URCA, UFCA e UFC). Uma investigação aprofundada deveria ser realizada, incluindo parcerias com organizações acadêmicas e não acadêmicas, visando desenvolver um inventário da bibliografia e das iniciativas existentes. A Fundação Casa Grande, com seu laboratório audiovisual, também possui arquivos relevantes que poderiam sustentar **iniciativas promocionais**.

<sup>4</sup> <https://nec.ufca.edu.br/>

## IV. Governança do turismo

Desenvolver o turismo numa escala territorial tão vasta, envolvendo tantos intervenientes a diferentes níveis e contextos, é certamente um dos grandes desafios. Ao mesmo tempo, se a candidatura a Património Mundial pretende abranger um território amplo e complexo, e se tanto a gestão do sítio como o turismo são concebidos para se desenvolverem a uma escala regional, é necessária uma abordagem integrada.

Neste caso, existem vários níveis: nacional, estadual (estados do Ceará, Pernambuco e Piauí) e municipal (dezenas de municípios espalhados por toda a região), que afetam o nível territorial para articular possibilidades de desenvolvimento turístico com base nos valores naturais e culturais da região. Se uma designação da UNESCO está projetada para um território abrangente, mais uma camada de complexidade institucional e administrativa será adicionada aos processos estruturais de governança do turismo na Chapada do Araripe.

Contudo, é necessário fortalecer os espaços e instrumentos de governança local, como conselhos e comitês, garantindo uma composição representativa e equilibrada entre os diversos órgãos governamentais e organizações da sociedade civil que atuam na região. Nesses fóruns de negociação, representantes das comunidades locais e atores externos devem dialogar, respeitando os princípios destacados na Seção 6 da Parte A, a saber: abordagens multiníveis e multiescalares, legitimidade social, responsabilização e justiça social. Até o momento, essa fragilidade permanece na região, o que pode comprometer o desenvolvimento de um modelo de governança local mais autônomo, baseado no Turismo de Base Comunitária. Essas lacunas podem ser sanadas por meio das ações descritas neste tópico.

### CONSELHOS & MELHORIAS POTENCIAIS

#### 1. Estabelecer um sistema de governança turística regional e múltiplo

The Casa Grande Foundation, SESC Ceará, regional universities, and other civil organizations are relevant entities - and certainly will continue to be - in combining efforts to build a tourism governance system. And, beyond them and the levels of administrative management within the Brazilian context, how can we reconcile the needs of individuals and communities, which are traversed, involved, and impacted in different ways by all levels of management?

Considering the homestays and the organic museums program as cements for Community Based-Tourism (CBT) in the region, how can this model be challenged today? Where does the inspiration come from? If Fundação Casa Grande and its ecosystems of stakeholders have been responsible to galvanize and foster long-standing initiatives, relying only on its leadership might limit diversity of visions as well as penetration into other social *milieux*

## 2. To foster participatory planning strategies

Em um contexto regional, **mecanismos participativos** — incluindo a avaliação de possíveis riscos (aspectos naturais e culturais) — são essenciais. A realização de oficinas participativas com as comunidades é fundamental para compreender quem são, o que pensam sobre o futuro da região e se desejam que ela se torne um Patrimônio Mundial. É importante ir além da visão institucional da Fundação Casa Grande e reunir as perspectivas de diversas partes interessadas para determinar sua disposição em cooperar.

É vital desenvolver um exercício participativo abrangente para garantir que um público diversificado tenha a oportunidade de contribuir com suas opiniões sobre o que desejam para o desenvolvimento de suas comunidades e da região. O turismo deve ser um meio de aumentar a qualidade de vida dessas pessoas e uma ferramenta para transformar suas comunidades em lugares habitáveis, com infraestrutura de melhor qualidade, serviços básicos, moradia acessível, etc. Se se permitir o turismo se desenvolver — como geralmente acontece — impulsionado pelas forças de mercado e pelo conceito de “economia do gotejamento” (*trickle-down economics*)<sup>5</sup>, teremos mais uma receita para o desenvolvimento descontrolado. Portanto, é imprescindível envolver o maior número possível de pessoas em exercícios participativos que comecem em um nível amplo, abordando suas visões para o futuro de suas comunidades e, em seguida, discutindo como elas enxergam o turismo como parte desse quebra-cabeça do desenvolvimento.

Realizar tais exercícios participativos é, sem dúvida, uma tarefa enorme e exige muito esforço e recursos. Sugere-se que estudantes (talvez de mestrado e doutorado) de diversas universidades possam ser uma forma de criar grupos focais comunitários (inicialmente, isso pode ocorrer em algumas comunidades), nos quais os convidados sejam não apenas as principais partes interessadas, mas também membros do público – pessoas comuns – que normalmente não participariam de tais reuniões. Esses grupos teriam que ocorrer, talvez em nível de bairro, e podem ser conduzidos na forma de oficinas de planejamento/design participativo.

## 3. Estabelecer alianças e consórcios regionais para o desenvolvimento do turismo

Neste domínio regional, são **cruciais acordos formais com as cidades e estados do entorno da Chapada do Araripe, com uma abordagem multinível e multiescalar**. Nesse sentido, outras organizações deveriam estar envolvidas, a fim de diversificar a atuação. Um ponto de partida poderia ser os mecanismos regionais de gestão do turismo previstos no Programa de Regionalização do Turismo, no âmbito da **Região Turística do Cariri**; isso também contribuiria para criar uma conexão institucional mais alinhada com as políticas nacionais, potencialmente proporcionando maior visibilidade, recursos e inclusão em macroprogramas para o desenvolvimento do turismo.

<sup>5</sup> Para detalhes sobre este conceito, consultar:

[https://www-ebSCO-com.translate.googleusercontent.com/research-starters/economics/trickle-down-theory?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc&\\_x\\_tr\\_hist=true](https://www-ebSCO-com.translate.googleusercontent.com/research-starters/economics/trickle-down-theory?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc&_x_tr_hist=true)

# Parte C

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE INICIATIVAS ESPECÍFICAS E SUAS RELAÇÕES COM O TURISMO



Aquarela por María García Hernández (Junho, 2025)

# TESOUROS VIVOS

## PROMOVENDO A TRANSMISSÃO CULTURAL

O programa “Tesouros Vivos da Cultura” foi criado em 2006 pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Lei Estadual 13.842), com o objetivo de “reconhecer o saber e as práticas dos mestres da cultura tradicional e popular”. O programa seleciona, por meio de editais públicos anuais, iniciativas em três categorias: pessoa natural, grupos e coletividades.

Categoria	Descrição
<b>Pessoa Natural</b>	Mestre(a) da cultura tradicional popular, pessoa que detém um conhecimento ancestral recebido do meio familiar e/ou de prática de convivência no grupo ancestral que manteve/mantém o saber/fazer; tem ampla experiência e capacidade de transmitir estes conhecimentos e as técnicas necessárias para a produção, difusão e preservação de uma expressão tradicional popular. Tem seu trabalho reconhecido pelos agentes da manifestação cultural que representa, pela comunidade onde vive, como também por outros setores culturais, constituindo importante referencial da cultura tradicional popular no Ceará.
<b>Grupo</b>	Agrupamento que possui legado ancestral na prática de um saber/fazer, formado espontaneamente por membros de uma comunidade que se envolvem diretamente com uma expressão cultural tradicional popular. É dotado de conhecimentos e técnicas de atividades culturais, com elevado grau de maestria na produção, preservação e transmissão de um saber e/ou fazer tradicional, constituindo importante referencial da cultura tradicional popular no Ceará.
<b>Coletividade</b>	Comunidade e/ou associação de pessoas que é dotada de conhecimentos e técnicas de atividades culturais, com elevado grau de maestria na produção, preservação e transmissão de um saber e/ou fazer tradicional, constituindo importante referencial da cultura tradicional popular no Ceará.

Fonte: SECULT Ceará, 2025 (<https://www.secult.ce.gov.br/tesouros-vivos-do-ceara/>)

Atualmente, 100 "mestres da cultura" receberam simultaneamente o título de "conhecimento notório" pela Universidade Estadual do Ceará, garantindo-lhes apoio financeiro e acesso a políticas de incentivo à cultura no Estado do Ceará.

### A) Pontos Fortes

É importante que este programa, como **política pública regular**, tenha um foco especial no reconhecimento e concessão de remuneração para mestres em cultura. Ao mesmo tempo, o fato de este programa – liderado pelo Estado do Ceará – estar de **alguma forma**

**associado a atividades turísticas** sugere uma forma potencial de fomentar a transmissão cultural para além do próprio contexto dos mestrados (ou seja, o turismo como canal de promoção dos valores culturais).

## **B) Pontos Fracos**

Por outro lado, não está tão claro como inserir mais mestres nas políticas públicas, seja por meio de subsídios ou não. Assim, surgem algumas questões: além das políticas públicas, como reconhecê-los? E, no que diz respeito às experiências turísticas, embora alguns mestres tenham contato com visitantes, cabe perguntar: como eles são (sistematicamente) incluídos nas experiências turísticas?

## **C) Conselhos & Sugestões**

### **I. Conceber e implementar workshops com turistas.**

Ao considerar o artesanato e os "mestres vivos", uma das questões recorrentes é a da transmissão do conhecimento e do saber-fazer às gerações futuras. Esse desafio é ainda maior em áreas periféricas, onde a falta de oportunidades econômicas leva à emigração. Nesses contextos, o turismo de artesanato pode ajudar a reverter processos negativos. O turismo de artesanato envolve turistas em busca de experiências centradas em produtos artesanais, oficinas de artesãos locais e na preservação do artesanato tradicional e do patrimônio sociocultural. Além de comprar lembranças feitas à mão ou explorar museus e exposições relacionados ao artesanato, também abrange o aprendizado de técnicas artesanais por meio de oficinas.

Um dos locais onde o turismo artesanal é utilizado para potencializar a transmissão do artesanato tradicional é a Cordilheira Central, na ilha de Luzon, nas **Filipinas**. Com a ajuda da Comissão Nacional de Cultura e Artes (NCCA), do Departamento de Turismo (DOT), do Departamento de Comércio e Indústria (DTI), da Universidade local das Filipinas Baguio (UOB) e de ONGs, artesãos locais (tecelões, ourives, cesteiros, tatuadores, etc.) oferecem oficinas de diversas durações (de uma hora a vários dias) aos turistas. Devido ao interesse turístico pelo artesanato local, os jovens redescobrem esta parte do seu patrimônio. Como resultado, alguns optam por não emigrar, mas sim ficar, aprender eles próprios um dos ofícios e participar. Mais informações: Karen A. Calderon ([kacalderon@up.edu.ph](mailto:kacalderon@up.edu.ph)), Karminn C.D. Daytec Yañgot ([kdyangot@up.edu.ph](mailto:kdyangot@up.edu.ph)).



**Figuras 23 e 24:** Oficina de artesanato em Cordillera Central, Luzon, Filipinas.  
(Fotos: Noel B. Salazar)

Outra iniciativa no Brasil que pode servir de referência e ilustração é o projeto “Oleiras do Candéal”, em Cônego Marinho (MG), no **Vale do São Francisco**. As ceramistas dessa comunidade quilombola, que possuem um conhecimento relevante e singular, se organizaram para produzir e vender peças de barro, mas também para receber visitantes para atividades práticas, como forma de compartilhar experiências in loco. O projeto teve origem na década de 1990, impulsionado pelo programa “Artesanato Solidário”, liderado pela então primeira-dama Ruth Cardoso, que incentivou a produção e a organização de processos artesanais.



**Figuras 25 e 26:** Programas de visitação no projeto Oleiras do Candéal, Cônego Marinho (MG)

## II. Melhorar as regras e o apoio ao programa.

A abertura do programa de "mestres da cultura" ao turismo é uma faca de dois gumes. O risco é, por um lado, de folclorizar essas pessoas e, por outro, desviá-las de seu trabalho criativo e transformá-las em guias de turismo.

Talvez uma maneira de evitar isso seja criar produtos verdadeiramente imersivos para os visitantes interessados, em que, em vez de tirarem selfies e assistirem a uma breve apresentação de uma hora, eles possam aprender a criar algo, por exemplo. Dessa forma, teríamos um turismo mais criativo. Claro que isso não acontece da noite para o dia e é preciso que as pessoas conheçam exemplos de boas práticas de outras áreas.

É, portanto, importante que o programa proporcione os **meios de transmissão antes da atribuição deste título**. Oferecer apoio que permita a estes criadores melhorar o seu dia a dia não é insignificante (por exemplo, a melhoria da oficina de redes da Dona Dinha), mas não é suficiente. E não é aceitável impor aos Mestres da Cultura o fardo de encontrar os seus sucessores. O exemplo da Dona Dinha é um desses casos.

Se o programa oferecesse **bolsas de estudo para que os aprendizes aprendessem as técnicas**, seria possível criar um pequeno grupo em torno do "Mestre da Cultura", que também poderia atuar como ponto de contato com os turistas e como intérprete turístico (cultural, mas também linguístico).

Dessa forma, o programa poderia gradualmente viabilizar o estabelecimento de uma forma de turismo verdadeiramente "criativa": não apenas ver as obras dos "mestres da cultura", mas passar alguns momentos/dias com eles e sair com uma rede, uma xilogravura ou um par de sapatos feitos pelo próprio visitante.

# MUSEUS ORGÂNICOS

## INICIATIVA INSPIRADORA E CRIATIVA

O programa Museus Orgânicos teve início em 2014, quando a Fundação Casa Grande começou a estruturar o Museu do Ciclo do Couro, nas oficinas do mestre do couro Espedito Seleiro, em Nova Olinda. Anteriormente, a sede da Fundação Casa Grande já abrigava um espaço com características de museu (“Memorial Homem de Kariri”), embora isso tenha ocorrido antes do desenvolvimento do conceito e dos princípios. O programa ganhou impulso por meio de uma parceria estabelecida com a SESC Ceará, sua principal apoiadora e patrocinadora, sendo a prospecção, a concepção e a implementação de responsabilidade da Fundação Casa Grande.

Em resumo, “a ideia de Museus Orgânicos foi gradualmente delineada para celebrar a vida de seus [mestres da cultura, oficialmente reconhecidos ou não], registrá-los, dar-lhes visibilidade e possibilitar sua sustentabilidade financeira e a de quem vive no entorno, por meio do turismo” (Rabinovici & Allis, 2023, p. 18). De acordo com os princípios do programa, um Museu Orgânico deve atender a determinados critérios para receber apoio do SESC Ceará e da Fundação Casa Grande, promotora e executora da iniciativa.

Em 2026, a rede de museus orgânicos conta com 28 espaços no estado do Ceará e está em expansão em Pernambuco (11). Durante o workshop, membros da Rede UNESCO-UNITWIN visitaram o Museu do Ciclo do Couro - Memorial Espedito Seleiro (Nova Olinda), a “Casa Oficina Corrinha Mão na Massa Museu” (Missão Velha), a “Casa Oficina Dona Dinha” (Nova Olinda) e participaram da inauguração do Museu Orgânico Sítio Lírio, em Santana do Cariri.



**Figura 27:** Visita ao Museu Orgânico Corrinha Mão na Massa, Missão Velha (CE)  
(Foto: Bruno Moura, junho de 2025)

## A) Pontos Fortes

Museus orgânicos ajudam a **preservar as identidades culturais locais**, protegendo e valorizando **tradições, costumes e conhecimentos populares** transmitidos de geração em geração, reforçando assim o senso de pertencimento da comunidade.

Esses museus **geram interesse turístico sem distorcer a cultura local**, atraindo **visitantes que buscam experiências autênticas** e que respeitem o contexto social e ambiental. Contribuem também para a **revitalização econômica da comunidade**. Ao envolver artesãos, xilogravadores e pequenos agricultores, promovem atividades econômicas complementares – como feiras, oficinas ou venda de produtos locais – que beneficiam diretamente a população.

Além disso, oferecem **oportunidades educativas enraizadas no contexto real do território**, reforçando a educação cívica a partir de uma perspectiva culturalmente relevante.

## B) Pontos Fracos

Existe uma excelente oportunidade para desenvolver o turismo, seja ele relacionado com aqueles que possuem reconhecimento como "mestres da cultura" (Espedito Seleiro e Dona Dinha) ou não (Damiana e família). Isso, no entanto, implica a necessidade **de esclarecer o conceito de museu orgânico**. "A narrativa é muito boa (como conteúdo cultural), mas será que é um museu?" O nome é cativante, mas não é fácil de incorporar na agenda do patrimônio (da UNESCO). Embora o termo museu orgânico seja atraente e evocativo, **não se encaixa facilmente nas categorias estabelecidas de estruturas como a agenda do patrimônio da UNESCO**. Isso pode limitar sua visibilidade e acesso a programas de apoio internacional.

Por outro lado, **o conceito não está claramente definido para certos públicos**. Para muitos turistas, pode **criar expectativas de uma experiência museográfica tradicional** que não são atendidas durante a visita, levando à confusão ou decepção se não for devidamente contextualizado.

O funcionamento desses museus muitas vezes depende muito do comprometimento dos membros da comunidade, o que pode causar instabilidade se não houver renovação geracional ou se a participação diminuir.

A sua forte **dependência de financiamento externo** dificulta a realização de tarefas essenciais, como melhorias nas infraestruturas, manutenção das instalações ou esforços promocionais.

Esses museus **tendem a ter visibilidade muito limitada**. Por estarem frequentemente localizados em áreas rurais e/ou periféricas, e com uma presença digital restrita, podem passar despercebidos pelo público mais amplo do turismo cultural.

## C) Conselhos & Sugestões

### I. Consolidar e comunicar claramente o conceito

Uma **carta ou protocolo para um museu orgânico** pode ser útil para definir claramente o envolvimento de ambas as partes e comunicá-lo aos visitantes. É importante considerar a perspectiva dos visitantes, que podem associar o conceito de museu a algo completamente diferente (e, conseqüentemente, não demonstrar interesse em visitá-lo). **É essencial explicar o que é um museu orgânico de forma simples e acessível, especialmente para visitantes que não estão familiarizados com o termo.** Ferramentas como sinalização, vídeos introdutórios curtos ou guias impressos podem ajudar a alinhar expectativas e fornecer um contexto significativo desde o início.

Uma lista de critérios claros sobre o que este “selo” (já que deve ser visto como um rótulo) implica em termos de qualidade, infraestrutura e envolvimento tanto dos gestores do programa quanto dos proprietários dos museus orgânicos (pois não se deve esquecer que são espaços privados). Por exemplo: a acessibilidade a esses espaços, uma boa interpretação que permita que todos os visitantes não se sintam excluídos e um interesse genuíno do proprietário pelo tempo que ele ou seus funcionários passarão com os turistas (prestígio, marketing da marca, venda de produtos, etc.). Este é um processo muito sutil e que exige um acompanhamento constante por parte do gestor do programa (SESC ou outro) para evitar que se transformem em parques temáticos culturais.

É importante notar que o conceito de “museu orgânico” também é utilizado em outros contextos (por exemplo, na Coreia do Sul) de maneiras diferentes. É estratégico estar ciente disso e esclarecer as diferenças. A cooperação acadêmica, nesse sentido, pode ser relevante.

### II. Incentivar a participação intergeracional

Embora os princípios dos museus orgânicos se combinem com a política de "Tesouros Vivos" dos mestres de cultura do estado do Ceará, é imprescindível compreender que a perpetuação das tradições precisa ir além de procedimentos técnicos ou aplicados – ou seja, esforços para adaptar os espaços físicos a uma visita adequada. Portanto, garantir que as gerações mais jovens tenham acesso e contato próximo com esses espaços museológicos e seus mestres pode ser uma estratégia para alcançar uma transmissão sustentável de tradições, saberes e práticas.

Oficinas educativas, projetos de história oral e atividades de mentoria envolvendo jovens e idosos podem fortalecer os laços comunitários e garantir a transmissão do conhecimento local entre gerações. Por outro lado, se os museus orgânicos

convidam o público externo a interagir com a rotina diária dos mestres (em seus ambientes cotidianos), também pode ser importante incentivar esses mestres a circular pelas localidades que possuem museus – de forma semelhante ao que ocorre quando participam dos seminários da Fundação Casa Grande; isso ajudaria a dar visibilidade pública a esses mestres, despertando maior curiosidade das gerações mais jovens em relação ao seu conhecimento.

Esquemas de financiamento como bolsas de estudo ou subvenções para jovens realizarem formação juntamente com mestrados – financiados pelo SESC, pelo governo do Ceará ou por outras políticas – seriam uma forma de manter sistematicamente os jovens integrados numa rotina de aprendizagem. Isto poderá incluir os jovens, quando se tornarem adultos, num circuito que valoriza o conhecimento e também proporciona perspectivas económicas.

### **III. Avançar rumo a uma gestão mais profissional**

Com o aumento do número de turistas, a interpretação talvez não poderá mais ser feita pelos próprios artesãos, mas por pessoas com conhecimento na área (enquanto os artesãos continuam trabalhando). Assim, parcerias com universidades, instituições culturais ou ONGs podem trazer valioso suporte técnico e conhecimento especializado, contribuindo para aprimorar tanto a administração quanto a qualidade das exposições e programas. É evidente que o apelo do elemento humano permanece centrado nos mestres artesãos, mas, à medida que o fluxo de visitantes se consolida (eventualmente em grupos maiores), torna-se importante elaborar um protocolo para receber e organizar as visitas, atentando para que a autenticidade do ambiente cotidiano não seja alterada artificialmente.

### **IV. Melhorar a presença e a promoção digital**

Uma presença ativa nas redes sociais e plataformas digitais permite que o museu compartilhe histórias, imagens e depoimentos pessoais que demonstram sua autenticidade e singularidade, ajudando a atrair um público mais amplo e diversificado.

Com o envolvimento das crianças em programas de aprendizagem audiovisual na Fundação Casa Grande, seria uma tarefa simples e estimulante produzir conteúdo para promover museus – não apenas para atrair mais visitantes, mas também para criar registros e memórias que possam ser usados para aumentar o valor do conhecimento envolvido.

### **V. Integrar-se em rotas culturais e turísticas mais amplas.**

A visibilidade do museu pode aumentar significativamente, ao envolvê-lo em parceria com outras atrações próximas, como festivais, centros culturais ou sítios

naturais. A colaboração com os escritórios de turismo locais e regionais também é fundamental para que o museu seja incluído em materiais promocionais e calendários de eventos.

Nesse caso, tais museus poderiam ser desenvolvidos segundo a “museologia social”, que busca adaptar as estruturas museológicas às condições da sociedade contemporânea, refletindo uma maior consciência cultural em resposta às rápidas transformações sociais. É necessário superar a imagem distante e elitista dos museus para que se tornem instituições mais abertas e melhor integradas ao ambiente social local.

Esse movimento é exemplificado pelo surgimento de museus comunitários, ecomuseus e museus itinerantes, que visam explorar as novas possibilidades da comunicação moderna e promover uma relação orgânica com as comunidades locais. Nesse sentido, essa seria uma abordagem mais adequada para pensar museus orgânicos no contexto de um Patrimônio Mundial.

## **VI. Promover visitas mútuas e a troca de experiências.**

Se os turistas estão sempre em movimento, o mesmo pode não se aplicar necessariamente aos mestres. Para que todos os mestres tenham acesso a experiências e percepções, seria relevante estimular visitas recíprocas, seja para que compreendam como cada museu orgânico se estrutura, seja para promover interações pessoais sobre suas experiências ao receber visitantes. Se possível, os mestres poderiam ser levados a visitar museus convencionais, reforçando assim, por contraste, o argumento conceitual em favor dos museus orgânicos.

# PROGRAMA DE HOSPEDAGENS DOMICILIARES

## FILOSOFIA ATRAENTE RUMO A UM PRODUTO MELHOR

---

Desde que as hospedagens domiciliares começaram a receber visitantes (em meados da década de 1990) em Nova Olinda, uma série de transformações ocorreu na escala dos espaços e das relações. Longe de ser apenas uma solução baseada na escassez de alojamento convencional, o programa de casas de família representa um ponto de encontro doméstico para anfitriões e hóspedes imersos nas rotinas do Turismo de Base Comunitária na Chapada do Araripe.

As hospedagens domiciliares oferecem quartos com banheiros privativos e ar condicionado, incluindo serviço de cama, limpeza e refeições (café da manhã). Na verdade, é na cozinha que os visitantes têm a oportunidade de interagir com as famílias de acolhimento que, ao contrário de meros prestadores de serviços, realizam uma autêntica hospitalidade integrada no seu cotidiano. Segundo informações da Agência de Turismo Comunitário, atualmente estão cadastradas 25 casas de família em Nova Olinda (áreas rurais e urbanas), totalizando 135 leitos, além de algumas pousadas comerciais associadas, complementando a disponibilidade de leitos quando a cidade sedia grandes eventos - como o seminário anual da Fundação Casa Grande - ou grupos turísticos maiores.

O programa de hospedagem domiciliar destaca-se como um dos pilares mais promissores para a valorização cultural e social, com potencial para expansão regional. Hospedar-se com famílias locais pode trazer inúmeros benefícios para visitantes, anfitriões e, em última instância, para o destino como um todo. À medida que novos perfis e volumes de turismo surjam, medidas e estratégias adicionais podem ser discutidas e implementadas para manter a filosofia do programa e os benefícios para todos os envolvidos.



**Figura 28:** Mães acolhem o grupo UniTwin no Teatro Violeta Arraes (Foto: Maria Teresa Molinero, junho de 2025)

## A) Pontos fortes

### Benefícios aos visitantes

- I. **Experiência autêntica.** Para os viajantes, hospedar-se com moradores locais oferece uma sensação incomparável de autenticidade, difícil de encontrar em outros tipos de acomodação. Proporciona hospedagem acessível com o valor agregado de compartilhar o dia a dia com as famílias anfitriãs.
- II. **Intercâmbio cultural.** Conversar com as mães das famílias é particularmente enriquecedor: elas explicam como é a vida na região, respondem a perguntas e compartilham costumes locais, criando um verdadeiro intercâmbio cultural.
- III. **Sensação de segurança.** Além disso, hospedar-se com famílias locais proporciona aos turistas uma sensação de segurança e confiança que melhora muito sua experiência geral.

### Benefícios aos anfitriões

- I. **Renda adicional.** Da perspectiva das famílias participantes, o programa de hospedagem familiar proporciona uma fonte de renda complementar que ajuda a melhorar sua qualidade de vida.
- II. **Intercâmbio cultural.** Em nível pessoal, hospedar visitantes permite que as mulheres, em particular, ampliem seus horizontes, dando-lhes a oportunidade de aprender sobre outras culturas e obter uma melhor compreensão das expectativas e necessidades dos viajantes. Essa experiência as ajuda a adaptar e aprimorar seus serviços.
- III. **Desenvolvimento de novas habilidades:** Os anfitriões aprimoram suas habilidades de hospitalidade, idiomas e atendimento ao cliente, o que pode abrir novas oportunidades de trabalho para eles no futuro.

### Benefícios ao destino

- I. **Desenvolvimento local:** O programa de hospedagem domiciliar serve como uma ferramenta fundamental para promover o desenvolvimento local. Ele oferece uma forma flexível de acomodar os visitantes, permitindo que a comunidade se adapte às mudanças no mercado turístico, ao mesmo tempo que incentiva uma forma de turismo mais sustentável e amplamente distribuída.
- II. **Fortalecimento da identidade local e preservação cultural:** As famílias se sentem orgulhosas de compartilhar sua cultura e tradições, o que ajuda a preservar práticas culturais que poderiam desaparecer com o tempo.

- III. **“Efeito espelho”**: à medida que o programa se fortalece e seus benefícios se tornam evidentes, mais famílias se sentem motivadas a participar da rede de hospedagem familiar, permitindo que o destino receba um número maior de visitantes no futuro, incluindo aqueles que preferem diferentes estilos de viagem.
- IV. **Prevenção do turismo de massa**: Ao distribuir os visitantes pelas casas das famílias, o programa evita a superlotação em áreas específicas e reduz a pressão sobre locais sensíveis.

## B) Pontos Fracos

### Pontos fracos para os visitantes

- I. **Dificuldade em reservar hospedagens domiciliares diretamente**. Pode ser um desafio para os viajantes reservarem hospedagens domiciliares diretamente, pois elas geralmente não aparecem em buscas online, o que complica as reservas.
- II. **Discrepância entre expectativas e satisfação**. Como não existem canais de reserva direta, os visitantes podem ficar confusos: sem fotos, mapas de localização ou informações claras sobre os serviços disponíveis, os turistas podem criar expectativas que não correspondem à realidade, afetando sua satisfação geral com a estada.
- III. **Integração limitada com atividades locais**. Há também uma falta de conexão entre as acomodações e as atividades potenciais na região. Muitas vezes, não há folhetos ou informações sobre o destino além do que é oferecido pela “Fundação Casa Grande”.

### Pontos fracos para os anfitriões

- I. **Alta dependência da “Fundação Casa Grande”**. Existe uma alta dependência do operador específico responsável por designar os visitantes para cada casa de família. Embora isso seja comum nos estágios iniciais do programa, com o tempo há o risco de que as casas de família se desconectem da casa principal e que novos empreendimentos surjam. Embora o aumento da concorrência não seja necessariamente negativo, pode levar a abordagens diferentes, padrões de qualidade variáveis e formas de operação que divergem da filosofia original.
- II. **Impacto no equilíbrio entre vida profissional e pessoal**. Também é importante considerar o impacto na vida familiar: as mulheres geralmente lidam com as responsabilidades de hospedagem, incluindo o preparo das refeições, o que pode adicionar uma carga de trabalho significativa às suas rotinas diárias. Muitas dessas mulheres são mais idosas, viúvas ou têm outras obrigações familiares, o que pode tornar as demandas de hospedagem especialmente desafiadoras.

- III. **Garantia de padrões consistentes entre as casas de família.** Há uma falta de processos para garantir a homogeneidade da acomodação; todas as casas de família devem seguir os mesmos protocolos para atendimento ao hóspede, limpeza, refeições e outros serviços essenciais.
- IV. **Serviços centralizados (por exemplo, limpeza).** Estabelecer um serviço de limpeza centralizado para as casas participantes — semelhante ao serviço de limpeza de hotéis — poderia ajudar a padronizar a qualidade do serviço e reduzir os custos para os anfitriões.

#### Pontos fracos para o destino

- I. **Riscos de impactos culturais indesejáveis.** Existe também o risco de impactos culturais indesejáveis: um fluxo constante de turistas pode influenciar negativamente os costumes e valores locais se não for cuidadosamente gerenciado.
- II. **Padrões heterogêneos entre as hospedagens familiares.** Por fim, padrões variáveis entre diferentes hospedagens familiares podem levar a experiências inconsistentes para os visitantes, o que pode prejudicar a imagem geral do destino.

#### **C) Conselhos & Sugestões**

Este programa poderia ser mais formalizado, definindo os perfis das proprietárias e a experiência que oferecem, bem como a possibilidade de hospedagem com elas. No entanto, isso também implica um mapeamento preciso de quem pode participar do programa e o que isso implica exatamente em termos de infraestrutura e envolvimento das "mães".

- I. **Criar (ou aprimorar) um manual de procedimentos:** se a rede de operadores for expandida, a filosofia e os padrões de serviço poderão ser facilmente mantidos, mesmo que cada casa e família tenha seu próprio estilo e personalidade.
- II. **Oferecer treinamento para a padronização dos serviços:** embora não sejam serviços profissionais (como hotéis), seria importante realizar cursos de treinamento continuamente, também para facilitar as rotinas dos responsáveis pelas hospedagens domiciliares.
- III. **Aprimorar os serviços atuais:** água quente nos banheiros é essencial, mesmo com o aquecedor elétrico mais simples; verificar a disponibilidade de colchões melhores e renovar a roupa de cama.
- IV. **Expandir a rede de hospedagens domiciliares,** especialmente em áreas onde os serviços de hospedagem são mais limitados (como em Santana do Cariri).

- V. **Promover a gastronomia local:** criar oportunidades para que os visitantes cozinhem junto com as mães das famílias. Essa experiência prática permitiria que os turistas aprendessem sobre ingredientes locais, métodos tradicionais de preparo e costumes culinários, agregando valor à sua estada, ao mesmo tempo que preservam e compartilham o patrimônio gastronômico local.
- VI. **Incorporar o artesanato local ao ambiente doméstico:** tornar o artesanato tradicional parte integrante da experiência de hospedagem domiciliar. Os anfitriões poderiam compartilhar habilidades como bordado, pintura ou tecelagem, permitindo que os hóspedes participassem e aprendessem diretamente. Isso não só enriqueceria a experiência do visitante, mas também proporcionaria renda adicional para as famílias e ajudaria a manter esses artesanatos vivos.
- VII. **Preservar e restaurar a arquitetura local:** garantir que todas as casas de família mantenham ou restaurem suas fachadas tradicionais, para que sejam facilmente reconhecíveis e reflitam o patrimônio arquitetônico local. O governo local deve considerar a oferta de subsídios ou apoio financeiro para ajudar as famílias a realizar essas reformas, promovendo uma aparência coesa e autêntica em toda a rede de casas de família.
- VIII. **Desenvolver um site de reservas específico:** criar um site oficial que mostre todas as casas de família participantes, onde os visitantes possam ver fotos, ler descrições, verificar as comodidades e fazer reservas diretamente. Incluir um mapa interativo da localização das casas ajudaria os viajantes a planejar sua estada e entender como a rede se encaixa no destino em geral. Uma presença online unificada faria com que as casas de família parecessem um coletivo coordenado e profissional, aumentando a confiança dos visitantes e as taxas de reserva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A ideia para este workshop surgiu do desejo e do compromisso de unir esforços, vontades e conhecimentos em uma mesma direção: a construção de uma candidatura a Patrimônio Mundial para a **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe**. Esta iniciativa foi inspiradora em muitos aspectos, tanto para os membros da Rede que visitaram o território quanto, esperamos, para os atores locais envolvidos, de diferentes maneiras e com muitas responsabilidades neste processo.

A combinação do trabalho de campo com a programação do VI Seminário da Fundação Casa Grande permitiu ao grupo familiarizar-se com alguns aspectos deste vasto território – que, como mencionado, é um dos grandes desafios da candidatura. Além disso, ao acompanhar e participar dos debates do Seminário, foi possível conhecer algumas das questões e estratégias que permeiam a construção coletiva em torno deste projeto. Para as comunidades locais, também pode ter sido uma interação interessante, visto que, possivelmente, com a chancela da UNESCO, espera-se um aumento no número de visitantes internacionais.

Como se pode ver, as questões que orientaram as perspectivas deste grupo são muitas e complexas. Desde o início, sabia-se que dificilmente poderiam ser respondidas de forma conclusiva e imediata, ou mesmo após esta imersão em Cariri. Em todo caso, o ato de registrá-las e colocá-las em discussão é, por si só, um passo importante para pensar o futuro da Chapada do Araripe como Patrimônio Mundial.

De fato, um dos objetivos deste workshop foi "sugerir estratégias para a formulação de um plano de gestão turística para o dossiê da **Bacia Cultural Sociobiodiversa da Chapada do Araripe** como Patrimônio Mundial". Ao apresentar o território, os debates e as intenções que fundamentam essa candidatura a um grupo de professores com profundo e diversificado conhecimento em turismo e patrimônio mundial, foi possível refletir sobre questões que certamente serão levantadas por especialistas indicados pelo Comitê do Patrimônio Mundial.

Relembrando um dos princípios que nortearam a proposta deste workshop, entendemos que este tipo de exercício preparatório deve servir para fortalecer as estratégias de elaboração do dossiê – em todos os seus requisitos, não apenas na agenda turística. Isso inclui ter uma compreensão muito clara de quais argumentos e evidências serão apresentados para garantir uma candidatura que faça jus aos valores e demandas originários do território e, ao mesmo tempo, seja competitiva diante do modus operandi da UNESCO.

O relatório, entregue formalmente aos apoiadores deste workshop, a Fundação Casa Grande e o SESC CE, certamente será empregado da melhor forma nas próximas etapas de elaboração desta candidatura. Da nossa parte, a Rede estará torcendo pelo seu sucesso e permanece à disposição para continuar colaborando sempre que possível.

Como acadêmicos comprometidos com a educação emancipadora, a ciência engajada e a governança participativa, reiteramos nossa alegria, satisfação e gratidão por termos tido a oportunidade, juntamente com tantas pessoas comprometidas desta região, de contribuir

para um projeto que põe em destaque o melhor do Brasil. Esperamos que, mesmo diante de desafios que não devem ser ignorados, o Brasil consiga garantir o reconhecimento desse patrimônio e, ao fazê-lo, possa promover abordagens inovadoras nos processos de avaliação da UNESCO.

## Referências

- Chakrabarty, D. (2009). The Climate of History: Four Theses. *Critical Inquiry*, 35(2), 197–222. <https://doi.org/10.1086/596640>
- Crutzen, P. (2022). Geology of mankind. *Nature*, 415.. <https://doi.org/10.1038/415023a>
- Dardot, P., & Laval, C. (2019). *Common: On Revolution in the 21st Century*. Bloomsbury Academic.
- Filho Figueiredo, J. (2010) [1964]. *História do Cariri, vol. 1*. Secult, Urca, UFC.
- Harrison, R. (2015). Beyond “Natural” and “Cultural” Heritage: Toward an Ontological Politics of Heritage in the Age of Anthropocene. *Heritage & Society*, 8(1), 24–42. <https://doi.org/10.1179/2159032X15Z.00000000036>
- Labadi, S. (2013). *UNESCO, cultural heritage, and outstanding universal value: value-based analyses of the World Heritage and Intangible Cultural Heritage Conventions*. Alta Mira Press,
- Leff, E. (2015a). Ecologia Política: uma perspectiva latino-americana. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 35. <https://doi.org/10.5380/dma.v35i0.44381>
- \_\_\_\_\_. (2015b). *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Vozes, 2015.
- Mendonça, R.L.V (2015). *Arqueologia social inclusiva : a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe*. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/28110>
- Oliveira, A. J. (2017). *Os Kariri: resistências à ocupação dos sertões dos Cariris Novos no século XVIII*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História.
- McElwee, P., J. He, and M. J. Hsu. (2022). Challenges to understanding and managing cultural ecosystem services in the global South. *Ecology and Society* 27(3):23. <https://doi.org/10.5751/ES-13427-270323>
- Meneses, S. (Org.) (2016). *Cariri, Cariris: outros olhares sobre um lugar (in)comum*. Urca, Imprima.
- Ostrom, E. (1990). *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*. Cambridge University Press.
- Rabinovici, A. & Allis, T. (2023). "E vai prestar este museu lá em casa?" Reflexões sobre a experiência dos Museus Orgânicos na Chapada do Araripe, CE. *Cultur*, 17(2), p. 1-31. <https://doi.org/10.36113/cultur.v17i02.3892>
- Souza, S..(Org.) (1989). *História do Ceará*. Universidade Federal do Ceará, Fundação Demócrito Rocha.
- UNESCO World Heritage Centre (2025). *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*. UNESCO. Available at: <https://whc.unesco.org/en/guidelines/>

## Apêndice 1 - Programa do Workshop UNESCO UniTwin Cultura, Turismo e Desenvolvimento 2025<sup>6</sup>

Date	Agenda
<b>June 1</b> Sunday	Arrival at Juazeiro do Norte (see timetable for flights) Accommodation at Hotel Hotel Iu-á
<b>June 2</b> Monday	9h30: Meeting at the lobby (Hotel Iu-á) 10h-12h: Colina do Horto (via skylift)   Juazeiro do Norte 13h-14h: Lunch at Fundação Casa Grande Mothers' Restaurant 14h: Presentation of the work agenda (Teatro Violeta Arraes) 15h30: Memorial do Homem do Cariri & Fundação Casa Grande 17h: Visit to Espedito Seleiro Organic Museum & Workshop 19h: Dinner at Café Cultural   Nova Olinda Accommodation at homestays in Nova Olinda
<b>June 3</b> Tuesday	8h30: Departure of homestays 9h30-12h: Lira Nordestina   workshop of wood engravings   Juazeiro do Norte 12h30-15h: Lunch & visit at Mirante do Caldas   Barbalha 16h: Visit to Corrinha Mão na Massa Organic Museum   Missão Velha 18h: Dinner & "forró" session (Corrinha Mão na Massa's backyard) 20h30: Return to Nova Olinda & overnight at homestays
<b>June 4</b> Wednesday	8h30: Departure of homestays 9h-11h30: Geosite spot & Paleontological museum   Santana do Cariri 12h: Lunch & inauguration of Sitio Lirio Organic Museum 15h: Santa Fé Archaeological site (with Heloísa Bitú & Clarissa Freitas)   Crato 18h: Morada de Conteúdo (Alemberg Quindins)   Pizza & talk   Crato 20h30: Return to Nova Olinda & overnight at homestays
<b>June 5</b> Thursday	<b>VI Chapada do Araripe "Heritage Providing Humanity" Seminar</b> 9h-10h: Seminar opening ceremony 10h-11h: Roundtable "Brazilian action at UNESCO: policies and partnerships to protect cultural and natural heritage in Brazil" 11h-12h: Roundtable "Chapada do Araripe Alive Heritage" 12h: Lunch at Fundação Casa Grande Mothers' Restaurant 14h-15h: Roundtable "Protect to belong: policies of natural and culture heritage valorization in Brazil" 15h-16h: Roundtable "IPHAN Regional Offices: Experiences and Strategies of Shared Management in Recognized World Heritage" 16h-17h: Roundtable "Community-Based Tourism at Chapada do Araripe" 17h-20h: Cultural presentations at the front yard of FCG 19h: Dinner at Café Cultural
<b>June 6</b> Friday	<b>VI Chapada do Araripe "Heritage Providing Humanity" Seminar</b> 9h-10h: Keynote "Academic cooperation for tourism development in World Heritage Sites: the 'collective wisdom' of the UNESCO UNITWIN Network Culture, Tourism and Development" 10h: Keynote "Acolhida na Colônia Community-Based Tourism program" 11h: Roundtable: "Community-Based Tourism Experiences at Chapada do Araripe" 12h: Lunch at Fundação Casa Grande Mothers' Restaurant 14h-15h: Keynote "Geopark Araripe: life on Earth retold in Chapada do Araripe" 15h-16h: Roundtable: "Araripe National Forest: Biodiversity Oasis in the Northeast Brazil" 16h-17h: Keynote "Araripe Manakin: Guardian of Ceará's Biodiversity" 17h-20h: Cultural presentations at the front yard of FCG 19h: Dinner at Café Cultural
<b>June 7</b> Saturday	<b>VI Chapada do Araripe "Heritage Providing Humanity" Seminar</b> 9h-10h: UniTwin Network experiences: tourism governance at PCCC (Colombia) 10h-11h: UniTwin Network experiences: Crafts, tourism development and community inclusion: an anthropological investigation in Peru 11h-12h: "Paraty and Ilha Grande" Complex - Mixed Cultural and Natural Heritage Site in Brazil 12h: Lunch at Fundação Casa Grande Mothers' Restaurant 14h-15h: Keynote "Archaeological Tourism - Chapada do Araripe Archaeological Reference Center" 15h: Reading and Delivery of the Letter of Recommendations from the UNESCO UniTwin Network "Culture, Tourism and Development" 16h: Event Accountability with Indicators 17h-20h: Cultural presentations at the front yard of FCG 19h: Dinner at Mothers' Restaurant

<sup>6</sup> Mais detalhes sobre o programa disponíveis aqui: <https://viseminariochapada.wixsite.com/araripe/programacao>

**Apêndice 2 - Participantes do Workshop UNESCO UniTwin Cultura, Turismo e Desenvolvimento 2025<sup>7</sup>**

<b>N.</b>	<b>Nome</b>	<b>Instituição</b>	<b>País</b>
1	Beatriz Gondim *	Universidade Federal do Cariri	Brasil
2	Bianca Luisa Souza	Universidade de São Paulo	Brasil
3	Carmen María Ramos	Universidad Tres de Febrero	Argentina
4	Clarissa Freitas *	Universidade Federal do Ceará	Brasil
5	Conceição Lage *	Universidade Federal do Piauí	Brasil
6	Dimitri Ioannides	Mid-Sweden University	Suécia
7	Edna Rozo	Universidad de Externado	Colômbia
8	Emanuela Canghiari	Université Paris I -Panthéon-Sorbonne	França
9	Laura Fuentes Moraleda	Universidad Rey Juan Carlos	Espanha
10	Leticia Macedo	Universidade de São Paulo	Brasil
11	Livia Nogueira *	Universidade Regional do Cariri	Brasil
12	Lluís Mundet i Cerdan	Universitat de Girona	Espanha
13	Manoela Valduga	Universidade Federal Fluminense	Brasil
14	Marcelo Tomé	Universidade Federal Fluminense	Brasil
15	Maria Conceição Lopes *	Universidade de Coimbra	Portugal
16	María García-Hernández	Universidad Complutense de Madrid	Espanha
17	Maria Gravari-Barbas	Université Paris I -Panthéon-Sorbonne	França
18	María Teresa Molinero	Universidad Rey Juan Carlos	Espanha
19	Noel B. Salazar	KU Leuven	Bélgica
20	Ricardo Alexandre Paiva *	Universidade Federal do Ceará	Brasil
21	Romário Loffredo Oliveira	Universidade de São Paulo	Brasil
22	Sandro Gouveia *	Universidade Federal do Ceará	Brasil
23	Sidnei Raimundo	Universidade de São Paulo	Brasil
24	Thaise Guzzatti *	Universidade Federal de Santa Catarina	Brasil
25	Thiago Allis	Universidade de São Paulo	Brasil

\* Participantes convidados de organizações não pertencentes à Rede

<sup>7</sup> Lista de participantes também disponível aqui: <https://viseminariochapada.wixsite.com/aranipe/redeunitwinunesco>

**UNITWIN WORKSHOP IN BRAZIL 2025**  
**CULTURAL SOCIOBIO DIVERSE BASIN OF THE CHAPADA DO ARARIPE**  
**SUSTAINABLE TOURISM, HERITAGE VALORIZATION AND REGIONAL DEVELOPMENT**

BACIA CULTURAL SOCIOBIO DIVERSA DA  
**CHAPADA DO ARARIPE**  
 PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE



**CARMEN MARÍA RAMOS**  
 UNIVERSIDAD NACIONAL DE TRES  
 DE FEBRERO - ARGENTINA



**DIMITRI IOANNIDES**  
 MID-SWEDEN UNIVERSITY -  
 SUÉCIA



**EDNA ROZO**  
 UNIVERSIDADE EXTERNADO DE  
 COLÔMBIA - COLÔMBIA



**EMANUELA CANGRIANI**  
 UNIVERSITÉ PARIS 1 PANTHÉON-  
 SORBONNE - FRANÇA



**LAURA EUENTES MONEALEDA**  
 UNIVERSIDADE REY JUAN CARLOS  
 ESPANHA



**LLUÍS MUNDET I CERDÀ**  
 UNIVERSIDADE DE GIJONA  
 ESPANHA



**MANOELA VALDEGA**  
 UNIVERSIDADE FEDERAL  
 ELUMINENSE - BRASIL



**MARCELLO TORÉ**  
 UNIVERSIDADE FEDERAL  
 ELUMINENSE - BRASIL

FUNDAÇÃO CASA GRANDE - MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

REALIZAÇÃO:





